

HISTÓRIA DOS JOVENS

1. Da Antiguidade à Era Moderna
2. A época contemporânea

# HISTÓRIA DOS JOVENS

2

## A época contemporânea

Organização:  
GIOVANNI LEVI  
JEAN-CLAUDE SCHMITT

Tradução:  
PAULO NEVES  
NILSON MOULIN  
MARIA LÚCIA MACHADO

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

História dos jovens /



21300100364

305  
H58P  
v.2

TOMBO: 116102



SBD-FFLCH-USP



*A JUVENTUDE OPERÁRIA.  
DA OFICINA À FÁBRICA*

*Michelle Perrot*

Juventude: "uma palavra", segundo Pierre Bourdieu. Operária: o adjetivo só faz complicar as coisas. A "juventude operária" é no século XIX uma realidade difícil de apreender, a ponto de se perguntar às vezes se ela existe, se a própria noção tem um sentido. No entanto, adolescência e juventude são conceitos que se precisam então, a primeira sob o ângulo biológico e moral que Jean-Jacques Rousseau havia perfeitamente delimitado ao consagrar o livro IV do *Emílio* a essa crise da identidade sexual na puberdade, a "esse momento crítico" que se deve saber prolongar para melhor dominá-lo. "Nascemos, por assim dizer, duas vezes: uma para existir e a outra para viver; uma para a espécie e a outra para o sexo [...]. Assim como o bramido do mar precede de longe a tempestade, essa tempestuosa evolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes: uma surda fermentação adverte a aproximação do perigo."<sup>1</sup> Associada às universidades, aos estudantes, às lutas democráticas ou nacionais, a juventude adquiria um sentido mais intelectual e político, o que foi bem evidenciado, em relação à França, pelos trabalhos de Jean-Claude Caron. Ora, esses dois fundamentos — o sexo e o estudo — estão ausentes quando se trata dos operários. Claro que o sexo não lhes falta. Porém, fantasmado como uma forma da selvageria operária, escapa àquela "vontade de saber" que o "sexo do colegial" — transformado durante o século XVIII num "problema público", segundo Michel Foucault<sup>2</sup> — cristaliza.

Quanto aos liceus e universidades, esses bastiões da juventude burguesa, os operários não têm acesso a eles, relegados ainda ao estágio precedente: o do acesso ao ensino primário, à escola. Este se

realizará no século XIX, delineando mais claramente os contornos de uma infância operária que também se manifesta com nitidez, não sem dificuldades e batalhas que mobilizam higienistas e pedagogos e obsidiam os filantropos.<sup>3</sup> "Salvem pelo menos as crianças", exclama Montalembert. Elas possuem a chave do futuro, da raça, da indústria, da nação. O *Ouvrier de huit ans* [Operário de oito anos], de Jules Simon, causa escândalo.<sup>4</sup> Não o adolescente de catorze anos, para quem o trabalho é o horizonte normal. Os jovens operários não se beneficiam, como os jovens burgueses, desse tempo de latência e de formação que possibilita uma sociabilidade adequada e eventualmente uma expressão autônoma. O precoce encaminhamento ao trabalho absorve suas energias sem lhes dar os direitos dos adultos. Sua situação de aprendizes não é um estatuto, a despeito dos esforços persistentes dos ofícios e do *compagnonnage* para preservá-lo. A "crise da aprendizagem" designa a desorganização de uma classe de idade que a sociedade tradicional administrava, aparentemente, melhor que a sociedade industrial. Esta só está interessada em indivíduos, ou pelo menos em famílias. A família é, mais que nunca, a instância de gestão e de decisão no que concerne aos jovens. Ora, ela tem sua lógica própria que não é necessariamente a dos membros que a compõem; uma lógica mais holista que individualista, que privilegia o todo sobre as partes e se aplica especialmente às mulheres e aos jovens, lógica que a classe operária, em via de constituição, irá retomar. Sua identidade não se funda nem sobre o gênero, nem sobre a categoria de idade; ao contrário, ela pretende subsumi-los. A família — e a classe — operária tem necessidade de seus jovens, mas lhes pede trabalho, obediência e, em última instância, silêncio. Eles se exprimem pouco, e, quando o fazem, sua voz é reprimida.

### REPRESENTAÇÕES

Dai decorre, para o historiador, uma dificuldade relativa às fontes. A expressão direta ou mediada da juventude operária é abafada pelos discursos convencionais e estereotipados aos quais as pesquisas não escapam, nem mesmo o testemunho dos autobiógrafos operários que devem ser vistos com reserva como todo relato de infân-

(\*) Antigas confrarias de operários. (N. T.)

cia. Essa juventude é antes representada que descrita, e tais representações trazem a marca da ansiedade social, sexual e política que ela suscita. O século XIX tem medo de sua juventude, e particularmente de sua juventude operária, da qual se teme a vagabundagem, a libertinagem e o espírito contestador. Três figuras simbólicas: o aprendiz, o *apache*, a pequena operária de costura.

Equivalente do colegial burguês, o *aprendiz* é um adolescente rebelde, que abandona seu patrão para percorrer as ruas da grande cidade, misturar-se a seus rumores e a suas cóleras, aproveitar-se de seus recursos, às margens da legalidade, praticando o furto ou a vigarice, sempre pronto para os tumultos, as manifestações, as desordens e as barricadas. "O aprendiz se torna vadio em Paris, se torna o delinqüente de nossas grandes cidades. Põe-se a beber, a fumar, a blasfemar"; escreve Duepétiaux.<sup>5</sup> Esse Gavroche um pouco mais crescido é o fermento dos motins e das desordens. A *Gazette des Tribunaux*, "coletânea poética da miséria e do crime" (Eugène Buret, 1840),<sup>6</sup> muito contribuiu, com suas crônicas de fatos delituosos, para a transformação do jovem vagabundo em herói, última criação do romantismo. Eis aqui Béasse, treze anos, diante de seus juizes: "O juiz: 'Deve-se dormir em casa'. Béasse: 'E eu tenho casa?'. 'Você vive numa vagabundagem perpétua.' 'Trabalho para ganhar meu sustento.' 'Qual é sua ocupação?' 'Minha ocupação? Tive pelo menos umas 36. Depois parei de trabalhar. Há algum tempo vivo de bicos. Tenho minhas ocupações de noite e de dia. De dia, por exemplo, distribuo folhetos grátis a todos os passantes; corro atrás das diligências que chegam para carregar os pacotes; passeio pela avenida de Neuilly; à noite, tenho os espetáculos; vou abrir as portas das carruagens, vendo ingressos; estou bastante ocupado.' 'Seria melhor que estivesse numa boa casa e seguisse sua aprendizagem.' 'Uma boa casa? Uma aprendizagem? É muito chato. Além disso, o patrão está sempre a resmungar e não há liberdade.' 'Seu pai não reclama?' 'Não tenho pai.' 'E sua mãe?' 'Nem mãe, nem parentes, nem amigos, sou livre e independente' ". Ao ouvir sua condenação a dois anos de reformatório, Béasse "faz uma cara feia e em seguida retoma o bom humor: 'Dois anos são só 24 meses. Tudo bem' ".<sup>7</sup> Esse texto se inscreve numa longa série em que imagens literárias e dados de inquéritos se misturam de maneira inextricável. Comentado muitas vezes na época, ele foi retomado por Michel Foucault que, nas últimas páginas de *Surveiller et punir* [Vigiar e punir], faz de Béasse um dos símbolos dos "ilegalismos populares", frustran-

do as disciplinas em via de instauração. Béasse, arquétipo do rapazote nas fronteiras da infância, recusa as servidões da família e do trabalho. Contra-exemplo: Jesus carpinteiro, o "hom aprendiz" das Sociedades de Patronato, inverte todos esses traços. Ele ama seus pais, inclusive o pai adotivo, sua oficina, seu ofício, o mais belo de toçlos: o da madeira onde já talha sua cruz.

Béasse é um adolescente, e um solitário. O *apache* é, no início do século xx, um jovem de dezoito a vinte anos, que vive em grupo e na cidade. Esse jovem operário das periferias urbanas, sobretudo parisienses, tem um bairro que dá o nome a seu bando, e uma família que ele contesta. Ele rejeita o trabalho assalariado e a condição proletária dos pais, os maltrapilhos e os sem-vintém. A fábrica e a pobreza são seu terror. Tem desejos de consumo insatisfeitos. Gosta de deambular, de flunar pelos bulevares — pois esse excluído das periferias reivindica o centro da cidade —, bem vestido, com lenço de seda e boné alto, e sobretudo bem calçado. Uma elegância desenvolta que o faz com frequência ser tachado de efeminado pelos trabalhadores dos subúrbios. Ei-lo pronto a subir num automóvel: um "calhambeque", ambição suprema. O *apache* sonha com passeios, amigos e amor. Gosta de dança e de mulheres. Nos bandos apaches, as mulheres têm um estatuto ambíguo, ao mesmo tempo livres — elas mudam facilmente de homem se este não as satisfaz mais — e dominadas. Eles brigam por elas, elas se vendem por eles, em parte proxenetas. O dinheiro conta, mas não só o dinheiro. Na formação dos casais, a atração é muito importante. O *apache* é um sentimental, um dândi combativo que tem o senso da honra e o gosto da distinção. Ele não se resigna. Quer ser alguém, ver seu nome nos jornais. Espontaneamente anárquico, considera o roubo uma justa restituição e pratica o "ressarcimento individual" com os burgueses, os "otários" que lhe caem nas mãos. A passagem pela prisão de Fresnes, a grande casa de detenção da região parisiense inaugurada em 1898, é quase um rito de iniciação. Os criminologistas examinam os grafites nas paredes, que os *apaches* enfeitam com corações trespassados com o nome de suas amantes e vingadores "Morte à polícia".

Mais ainda que o aprendiz vadio, o *apache* nasce da crônica policial e da imprensa que o põe em cena. Seu registro de nascimento em 1902 é o processo de Manda contra Lecca, em luta sangrenta por uma jovem, *Casque d'Or*. "Mas são procedimentos de apaches", teria exclamado um obscuro escrivão durante o interrogatório de

um jovem perigoso. Em todo caso, os jovens se reconheceram nessa imagem indígena difundida pelos livros infantis, e bandos de apaches floresceram em toda parte. A imprensa se apoderou de suas façanhas. Reunindo na primeira página, sob o título "Paris-Apache", os delitos mais diversos atribuídos aos jovens, jornais como *Le Journal* e sobretudo *Le Matin*, diários parisienses com tiragem de mais de 1 milhão de exemplares cada um, construíram o mito apache e condensaram no imaginário social uma figura emblemática do medo coletivo, elaborada numa psicologia da segurança ainda em seus começos. A pretensa recrudescência da delinqüência juvenil é um tema central na crítica que focaliza a "crise da repressão", atribuída a uma opinião laxista e a juizes demasiado indulgentes. Os *apaches* servem de argumento a todos os que, no grande debate de 1908 na Câmara de Deputados, recusam a abolição da pena de morte, proposta pelos radicais e pelos socialistas. Vistos como sinônimos de bandidos, eles só entendem a força física e os castigos corporais que humilham e corrigem. O dr. Lejeune coloca a questão *Os apaches devem ser chicoteados?* (1910) e responde pela afirmativa. O fato de os jovens terem se identificado com essa figura é outra questão que assinala o início de uma consciência de grupo. Voltaremos a falar disso. Mas importa sublinhar o papel dos meios de comunicação — no caso a imprensa, que vive sua idade de ouro — na construção desse fato de opinião.<sup>8</sup>

Quanto às jovens operárias, elas são, entre delicadeza e libertinagem, antes de tudo um corpo. A *pequena operária de costura* atira os devaneios sensuais dos estudantes e dos barbados. O romantismo idealiza a *grisette*,<sup>9</sup> companheira ideal, discreta e submissa, do estudante a quem se dedica, em troca de uma vida amorosa mais delicada que ela não encontrará noutra parte. Pelo menos é o que diz a lenda dourada do *Quartier Latin* que provavelmente superestima as atenções do estudante.<sup>9</sup> Um monumento à *grisette*, erguido durante a Terceira República ao lado da praça Montholon, perpetuará por algum tempo essa visão nostálgica. O materialismo vulgar do Segundo Império fala apenas das *lorettes*, meio prostitutas. As oficinas de confecção e seus intermináveis serôes, como todo lugar apenas de mulheres, excitam as imaginações: que fazem elas, que dizem, essas mulheres que têm o útero aquecido pelas máquinas de costura (segundo os médicos)? Por volta do fim do século, é forne-

(\*) Costureirinha galante. (N. T.)

cida a essas operárias uma dose de droga que lhes permita "manter-se": as "morfinadas" conhecem os paraísos artificiais.<sup>10</sup> Floristas e plumistas sugerem a carícia dos frufus; bordadeiras e rendeiras, a doçura das roupas íntimas. Ao contato da água e do linho, lavadeiras e passadeiras, tema favorito dos pintores impressionistas, acendem o desejo. Nas ruas, seguem-se as modistas e as costureirinhas, alegres e elegantes "mocinhas". Que ocasião de conquista essa livre circulação de moças do povo tão atraentes numa sociedade empolada! E que fortuna para o poeta — aqui, Rainer Maria Rilke — o encontro com a moça pobre e pura, Marta, em busca do inefável, querendo ir dançar em Paris, "sempre, como ela dizia, com o sentimento de que seria para algo mais que o baile".<sup>11</sup> Erotizada ou sublimada, a imagem da jovem operária, atravessada por todos os fantasmas, exacerbados, que envolvem o corpo das mulheres, fragmenta-se em mil pedaços, inapreensível. Mas ela permanece amarrada ao sexo, enquanto a imagem de seu companheiro, o jovem operário, evolui para uma delinqüência mais ostensiva, que requer uma intervenção mais forte. Doravante, é a juventude que precisa ser salva.

#### FONTES

Essas representações subjazem às fontes que nos fornecem e das quais dispomos. Enquanto se desenvolve o romance de aprendizagem burguês, e particularmente o da educação sentimental, a literatura, repleta de crianças pobres,<sup>12</sup> pouco se detém nos jovens operários. Os de Zola têm o sangue quente; fazem o amor e a greve como jovens animais vigorosos, como o fazem a Mouquette e Jeanlin em *Germinal* (1885). As pesquisas se tornam mais detalhadas, em razão da inquietude suscitada pelas alarmantes constatações do alistamento militar. Desde a Restauração, as estatísticas estabelecidas pelas juntas médicas evidenciam elevados índices de dispensa por pequeno porte, deformações ósseas, raquitismo, escrófula (na verdade, tuberculose), doenças de olhos etc. De maneira geral, elas sublinham o mau estado físico dos jovens de vinte anos. Os higienistas, como Villermé e Duepétiaux, ou os antiindustrialistas, como Villeneuve-Bargemont, apontando as manchas escuras que as áreas industriais formam nessa primeira cartografia antropológica, tentam estabelecer uma concordância entre trabalho fabril e degradação dos

corpos. Os trabalhos de Jean-Paul Aron e Emmanuel Le Roy Ladurie atenuaram bastante esse quadro, sem todavia invalidá-lo completamente.<sup>13</sup> Coleman e sobretudo Colin Heywood fizeram a esse respeito considerações precisas e bem fundamentadas.<sup>14</sup> Não lhes parece possível concluir uma correlação nítida entre indústria e deficiência física ou mortalidade, mas sim constatar um mau estado de saúde global. O corpo e a alma dos jovens operários tornam-se então objetos de investigação privilegiados. São o alvo dos primeiros inquéritos parlamentares ingleses, os *Blue Papers*, principal fonte para Marx e o livro I do *Capital*, e para os franceses: a grande pesquisa de Louis-René Villermé, publicada em 1840,<sup>15</sup> repousa sobre a vontade de mostrar a necessidade de cuidar da infância operária para preservar a raça. A obra de Edouard Duepétiaux, eminente filantropo e homem de Estado belga, *De la condition physique et morale des jeunes ouvriers et des moyens de l'améliorer* [Da condição física e moral dos jovens operários e dos meios de melhorá-la] (1845),<sup>16</sup> traça as coordenadas sobre a questão. Mina de informações e fonte bibliográfica considerável, ela indica a intensidade do esforço de pesquisa no terreno da juventude, proporcional à angústia que esta engendra; mas mostra também a perplexidade dos pesquisadores, conscientes de não poderem realmente circunscrever seu objeto. "Com freqüência seremos obrigados a confundir em nossas informações o jovem operário e o operário adulto: a confusão dos sexos e das idades nas oficinas deve ocasionar uma confusão correspondente nas práticas e nos costumes" (I, p. 199). Na verdade, é sobretudo a proteção da infância operária que preocupa os pesquisadores, e a fixação de um limite à sua exploração no trabalho, mais a montante que a jusante. As hesitações sobre a fronteira, ou sua ausência, ilustram bem a dificuldade de resumir em um conceito essa idade da vida: a juventude, operária ainda por cima.

Quanto às autobiografias operárias, elas comportam na França algumas dezenas de títulos, havendo bem mais na Inglaterra ou na Alemanha.<sup>17</sup> O relato de aprendizagem ocupa um lugar importante nessas obras, diferente conforme as culturas religiosas e as tradições morais e políticas. A atenção dada à religião, ou ao privado, é sempre considerável na Inglaterra, como também na Alemanha, onde a tonalidade do relato de infância é com freqüência uma dramática evocação da miséria. O relato francês é mais político, centrado no íntimo, mais ainda no sexual, e acima de tudo otimista. Assim, em Norbert Truquino, a rememoração da infância vagabunda

e maltratada é acompanhada da lembrança feliz da liberdade.<sup>18</sup> Muito fortemente marcados pela tradição da cidadania e pela do movimento operário, esses relatos franceses são, na maioria das vezes, depoimentos voluntaristas e seletivos que se pretendem exemplares e portadores de sentido, o que explica sua relativa serenidade. Mais do que a vida cotidiana, eles se preocupam em descrever um processo de integração: ao trabalho, à vida política, ao movimento operário. Das *Memoires d'un compagnon* [Memórias de um *compagnon*] de Agricol Perdiguier (1855) a *Fils du peuple* [Filho do povo] de Maurice Thorez, o coletivo prevalece sobre o individual, a preocupação com os outros sobre a preocupação consigo. A infância é mais desenvolvida que a juventude, por ser matéria de pintura familiar. A juventude é vista sobretudo como iniciação ao trabalho e tomada de consciência. A sociabilidade juvenil, mais ainda que a sexualidade, é silenciada. O pudor é extremo e o corpo ausente. Enfim, os relatos femininos são muito raros, e tardios. Eles se detêm sobretudo nos acidentes do privado ou na expressão de sonhos pessoais, como faz Jeanne Bouvier. Estamos longe ainda do maravilhoso "romance" autobiográfico de Lise Vandervielen, *Lise du Plat Pays* (1983), que concede finalmente ao *eu* o direito de plena expressão (mas na terceira pessoa!). No conjunto, os relatos masculinos obedecem às convicções da idade adulta em que foram escritos: a juventude deve ser um tempo de aprendizagem, e seu êxito consiste em realizar essa aprendizagem.

Isso significa que eles falam muito mais de disciplina que de revolta, ou então de revolta coletiva. Exceção: as autobiografias anarquistas, raras e escritas em épocas mais recentes, que valorizam a juventude como idade de resistência e de recusa, à maneira de Rimbaud ou de Kropotkin. René Michaud, *J'avais vingt ans* [Eu tinha vinte anos] (1967) fornece um bom exemplo disso. Adolescente da Cité Jeanne d'Arc, refúgio dos migrantes em Paris (xiii *arrondissement*) no início do século, ele se inicia na fabricação de calçados em numerosas "casas": "Não era ainda a época da segurança, do enraizamento", escreve. "Para muitos jovens de minha época, a noção de antigüidade causava horror. Os antigos, para nós, eram a matilha dos mediocres, dos pusilânimes: os sabujos do patrão."<sup>19</sup> Michaud é representativo da cultura libertária da *Belle Époque* cujos intérpretes são Georges Navel (*Travaux* [Trabalhos], 1945) ou, mais indiretamente, Céline (*Voyage au bout de la nuit* [Viagem ao fim da noite], 1932). O próprio título de Michaud é significativo: a ida-

de tremula como uma bandeira. Ter vinte anos certamente não é a mais bela idade da vida, mas é um momento insubstituível, a ser vivido intensamente. Aqui se exprime uma consciência da juventude que preludia ou acompanha sua conquista de autonomia. Mas o relato de Michaud é sem dúvida tanto um testemunho sobre o momento de sua escrita quanto sobre a própria *Belle Époque*.

Assim, as representações estruturam o real da mesma forma que o exprimem, e seria inútil opor este àquelas, igualmente reais. Elas dizem algo de "verdadeiro" sobre a juventude, ao amplificar e deformar. Esse problema constante do historiador, tributário das palavras do passado, é exacerbado quando se trata de categorias marginais ou marginalizadas, imaginadas, geralmente com temor e tremor, mais do que apreendidas: os pobres, as mulheres, os jovens.

Tomadas essas precauções, que não são pura formalidade, tentemos ir mais longe.

#### FRONTEIRAS DA JUVENTUDE OPERÁRIA

A fluidez da juventude operária, a ausência de fronteiras bem definidas, a montante com a infância, a jusante com a idade adulta, é uma dificuldade de primeira ordem. Nos limites dos costumes, definições jurídicas mais precisas, mas por definição mutáveis, se superpõem. Elas esboçam no entanto um território cada vez mais distinto da infância.

A montante, a *primeira comunhão* permanece, a despeito de uma descristianização variável conforme as regiões e os meios, e de uma indiferença operária também a ser matizada, um rito de passagem quase geral, cuja persistência mesmo em zonas pouco praticantes foi sublinhada por Pierre Pierrard:<sup>20</sup> questão de conveniência e de respeitabilidade, à qual as mães são particularmente atentas.<sup>21</sup> Doze anos é a idade mais comum para os rapazes, e onze para as meninas. A primeira comunhão marca em geral o adeus à Igreja, pelo menos para os rapazes. "Antes se ia às vésperas com as mulheres; depois se vai ao cabaré com os homens."<sup>22</sup> Segundo um cura de Pas-de-Calais, "para muitos garotos, a primeira comunhão é a carta de emancipação, o começo da vida de jovem".<sup>23</sup> O corte é muito menos nítido para as meninas, para as quais, na segunda metade do século XIX, o vestido branco de comungante prefigura o da noiva.

Lise Vanderwielen recorda sua emoção ao ver-se "toda de branco no espelho".<sup>24</sup>

A primeira comunhão coincide cada vez mais com o início da aprendizagem; por isso muitos pais procuram antecipá-la. Na primeira metade do século passado, muitas crianças já trabalhavam nesse momento. Mas na segunda, com o avanço da escolarização, "coloca-se" o filho após a primeira comunhão. As roupas da primeira comunhão — investimento cuja duração é limitada pelo crescimento dos adolescentes — servem para fazer boa figura por ocasião da apresentação ao mestre de oficina ou no escritório de contratação ao qual a mãe, geralmente, acompanha o filho ou a filha. Um dia após sua comunhão, que preparou durante um ano num pensionato de religiosas, Jeanne Bouvier, aos onze anos, passa a trabalhar numa fábrica de seda do Lyonnais. Nas Cevenas, as meninas substituem automaticamente sua mãe após essa cerimônia.<sup>25</sup>

No fim do século, o certificado de estudos se acrescenta à primeira comunhão ou a substitui, em virtude das disposições legais que, em 1882, o tornam obrigatório.<sup>26</sup> As falcaturas passam a ser cada vez mais difíceis, sobretudo após as leis de 1874 e 1892 e os controles dos inspetores do trabalho, doravante uma verdadeira "corporação".<sup>27</sup> Em 1876, 26% dos adolescentes de doze a quinze anos têm o certificado, 72% em 1888 e 80% em 1891, sem levar em conta obviamente seu nível real de instrução. A lei de 1892, aliás, fixa em treze anos a idade de admissão ao trabalho para unificar prescrições escolares e ordem fabril. O *certif* torna-se assim para os jovens operários o que é o *baccalauréat* para os burgueses: "a barreira e o nível".<sup>28</sup> A infância acaba aos treze anos. As leis Ferry terminam assim de retirar a infância do espaço industrial, ao menos da grande indústria, a única que a inspeção controla verdadeiramente. Em 1876, constata-se que os menores de doze anos são 6,5%, e em 1888, apenas 1,1%.<sup>29</sup>

O jovem operário entra então de vez na idade adulta? Seguramente não. Ele requer proteção e controle. Proteção: segundo a lei de 1841, até os dezesseis anos é proibido fazê-lo trabalhar aos domingos e mais de doze horas por dia. A lei de 1892 estabelece a interdição do trabalho noturno e de descida ao fundo das minas até dezoito anos, e limita a jornada dos menores de dezesseis anos a dez horas. Após dezoito anos, o regime é o dos adultos. Assim ins-

(\*) Conclusão do 2º grau. (N. T.)

taura-se uma categoria de jovens trabalhadores — doze a dezesseis, ou treze a dezoito anos — que corresponde à adolescência, cuja percepção biológica se aguça. Com efeito, essas medidas são tomadas em nome de um "crescimento incompleto", ou de uma menor resistência à fadiga.

Quanto ao controle, ele varia conforme os costumes e as leis. A Grã-Bretanha emancipa mais cedo seus jovens operários, a acreditar em Ducpétiaux. Aos catorze anos, as famílias cessam de tratá-los como crianças, "não lhes são mais infligidos castigos corporais"; podem ficar com uma parte de seu salário. "Frequentemente, eles mesmos pagam seu alojamento, sua alimentação, seu vestuário. Estabelecem compromissos por sua própria conta, sem intermediário, e tornam-se, em toda a extensão da palavra, agentes livres."<sup>30</sup> Na França, país autoritário, o limite é mais tardio, a família e o Estado demonstrando uma idêntica desconfiança. Em princípio, segundo uma pesquisa de 1840, um jovem operário pode "firmar contrato" aos quinze anos, "com o consentimento daqueles de quem depende".<sup>31</sup> Na verdade, os pais são reticentes, opondo-se especialmente à partida dos jovens, convidados, e até mesmo intimidados a entregar seus ganhos. A história da caderneta de trabalho dos jovens ilustra essa resistência.

A lei de 1841 estipula que, até os dezesseis anos, a caderneta seja entregue ao pai, a seguir ao adolescente, início de uma relativa independência econômica. Isso é deplorado pelo autor de uma monografia, *Ouvriers des deux mondes* [Operários dos dois mundos] (Escola de Le Play), relativa aos tecelões de Sainte-Marie-aux-Mines (Vosges): "Geralmente, o rapaz de dezesseis anos, de posse de sua caderneta pessoal, trata seus pais de igual para igual, e só se senta à sua mesa mediante uma pensão cujo valor ele reduz o máximo que pode a fim de conservar mais dinheiro para seus prazeres"; e ele preconiza a entrega da caderneta aos pais até o filho completar dezoito anos: "Teríamos, em Paris, nas grandes cidades, nas manufaturas, menos jovens desertores da vida rural".<sup>32</sup> Seus desejos serão acolhidos favoravelmente pela República, muito respeitosa das prerrogativas dos pais de família. Suprimida para os adultos em 1890, essa caderneta entregue aos pais é mantida para os menores, e inclusive reforçada, uma vez que é obrigatória até os dezoito anos. De maneira geral, a Terceira República tendia a elevar em todos os domínios a idade da maioridade. Em 1906, ela é fixada aos dezoito anos em matéria penal, o que teve por efeito manter nas casas do

Bom Pastor jovens prostitutas que desejavam sair dali; isso ocasionou incidentes e revoltas.

Ora, as famílias utilizavam a caderneta como meio de pressão, como conta Jean-Baptiste Dumay. Aprendiz na fábrica de Le Creusot, em conflito com sua direção, ele teve dificuldade de obter dos pais a autorização de partir. "Como eu não era maior, havia necessidade, segundo as leis em vigor na época, do consentimento dos meus pais para que a Prefeitura pusesse o visto na minha caderneta de operário, que era uma espécie de passaporte interno e sem o qual um operário não podia viajar. [...] Eles hesitaram por alguns dias, mas acabaram se decidindo após alterações que tive com eles por conta de um caso amoroso que veio se juntar à minha desavença com a administração da Creusot."<sup>33</sup> Isso se deu em 1860, ele tinha dezoito anos.

Começa então para ele um período de relativa liberdade, em todo caso de grande mobilidade, tal como lemos em outras biografias, masculinas pelo menos. Para as mulheres, pode suceder o inverso; tudo depende da presença e da vigilância da família e de seu código moral. Seja como for, dois tempos se delineiam. O primeiro — de doze/treze a dezesseis/dezoito anos — corresponde à adolescência; o segundo, à "juventude" no sentido estrito. O primeiro é restrito e controlado; o segundo, mais aberto, quando não mais feliz: tempo de todos os perigos, segundo os moralistas, que nada temem tanto quanto a circulação dos jovens do povo.

Quanto ao final da juventude, ele é ainda mais fluido; essencialmente privado, depende para cada um de sua idade de casamento, ponto sem retorno. Os rituais de antanho sobrevivem, como o ingresso do aspirante no quadro do *compagnonnage* que Agricol Perdiguiet, seu defensor, queria restaurar. O próprio Agricol viveu essa situação como uma iniciação sacramental, franqueando com humildade os degraus de uma hierarquia controlada pelos veteranos. "Eu me considerava ainda muito inexperiente em minha ocupação para obter tão elevado favor [...]. Era tímido, não confiava muito em mim mesmo, e os veteranos eram necessários para me inspirar coragem e me fazer subir na hierarquia do *compagnonnage*." Ei-lo, aos dezoito anos, admitido *compagnon*, dotado das insígnias do primeiro grau: um bastão, fitas azuis e brancas e "um novo nome, muito agradável, muito lisonjeiro, difícil de usar": *Avignonais-la-Vertu*.<sup>34</sup> Três

anos mais tarde, é iniciado na terceira ordem, torna-se "dignitário": "Eu portava a estola azul em lugar da branca e, além disso, uma espiga de ouro a mais em meu feixe". Não sem conflito com um "velho" que lhe reprova sua juventude "e que não podia compreender como alguém tão jovem tivesse uma autoridade acima da sua".<sup>35</sup> Todavia, ele se impõe e empreende reformar sua sociedade. Quando retorna a Morières, sua terra natal perto de Avignon, após percorrer a França por quatro anos e meio, é *compagnon fini* [companheiro completo] e está com 22 anos e nove meses. "Retorno à aldeia, pensando em nunca mais deixá-la, em não mais viajar, em me estabelecer, me casar, viver e morrer ali."<sup>36</sup> A juventude está terminada, em boa e devida forma.

Mas tais ritos de passagem se rarefazem com a decadência do *compagnonnage*, tornado obsoleto, e cujas estruturas hierárquicas e a escala das idades não são mais aceitas pelos jovens operários. Em contrapartida, eles não escapam à *consciência* e ao comparecimento perante o conselho de revisão médico, instituído em 1818.<sup>37</sup> Anualmente, os jovens que têm vinte anos são reunidos na sede da região para o sorteio de seu número. O conselho de revisão os examina a seguir em função desse número na ordem ascendente para verificar se são ou não "bons para o serviço", e isso até que o contingente anteriormente fixado seja atingido. Assim, tirar um número elevado é "tirar um bom número". Os mais ricos podem comprá-lo, até 1889, quando o serviço militar se torna obrigatório para todos (com dispensas aliás contestadas). A maioria dos jovens operários aspira a ser dispensada pelo conselho de revisão, por ser o serviço militar longo (sete anos no início do século XIX) e impopular. Mas temem também o olhar sobre sua nudez, o julgamento feito sobre sua baixa estatura, sua deformidade, sua má saúde. Submeter-se a essa avaliação é penoso, mas certa desonra se associa progressivamente à dispensa que pode dissuadir as mulheres a casar.

Assim, a *consciência* tende a unificar uma classe de idade — se é da "classe X" — e a criar um sentimento de pertença, embrião de uma consciência de geração. De mais a mais, ela é acompanhada de banquetes, nos moldes dos das sociedades de canto.<sup>38</sup> Come-se, bebe-se, cantam-se canções patrióticas ou galhofeiras. Meio embriagados, os *conscritos* percorrem o país, brandindo sua bandeira e suas insígnias, cantam, fazem barulho, com frequência enterram sua vida de rapaz no bordel; mais raramente saem com namoradas. Van Genep e Michel Bozon descreveram esse rito de passagem que subs-

títui as antigas festas da juventude caídas em desuso, especialmente na segunda metade do século XIX.<sup>39</sup> A opinião pública, porém, não aprecia muito essas manifestações, sinônimo de desordem e de obscenidade, da qual a sociedade vitoriana reprova a publicidade. Seguidamente se produzem incidentes. É o sinal de uma marginalização da juventude que perdeu seu estatuto, seu papel tradicional de organizadora de festas, e não tem mais direito a seus próprios folguedos.

Em todo caso, para os homens jovens, o serviço militar é uma última etapa, como um funil de saída da juventude. Depois da escola, o exército é a forma disciplinar maior, o único confinamento para a "juventude difícil". Aliás, os jovens que passaram por casas de correção são estimulados a entrar no exército, e Félix Voisin, filantropo e administrador penitenciário, cria no final do século uma obra destinada a favorecer esse projeto. Por isso o serviço militar suscita tanta animosidade, uma forte insubmissão (mais de 124 mil insubmissos entre 1889 e 1914), "sinal certo da consciência que a juventude adquire de si mesma", escreve Yolande Cohen,<sup>40</sup> e um vago antimilitarismo do qual os jovens anarquistas, no início do século, se fazem os intérpretes e os propagandistas, sustentados pelo sindicalismo de ação direta. Essa forma bastante excepcional de cristalização dos jovens enquanto tais não tem, aliás, uma base especificamente operária. A guerra irá varrê-la com seu terrível revés.

Do lado das mulheres, nada de tão nítido nem sobretudo de tão geral, mas antes iniciativas locais. Assim como as jovens camponesas de Minot (Borgonha) iam passar junto à costureira o inverno de seus quinze anos,<sup>41</sup> existem aqui e ali "festas da Donzela" que vão sendo substituídas pelas das "Rainhas de Beleza", que celebram as jovens virtuosas e/ou bonitas. Nada que diga respeito particularmente às operárias ou que encerre sua juventude. Um exemplo, porém, de ritual recriado: a festa das Catarinetas, das quais Catherine Monjaret analisou as mutações e a ambigüidade.<sup>42</sup> Oriunda do Antigo Regime e festa das raparigas, ela se torna na segunda metade do século XIX a das jovens operárias da costura parisiense. Muito animada na *Belle Époque*, ela o será ainda mais nos anos 1920-30, quando as costureirinhas saem das oficinas para tomar a rua, sob o olhar reprovador dos bem-comportados. Associada à celebração dos 25 anos, essa festa não é, propriamente falando, um ritual de passagem, mas antes um sinal de alarme, uma maneira de conjurar o celibato. Sua conotação sexual é acentuada. Seu caráter em geral impertinente assinala, de qualquer modo, que a juventude acabou.

O fim da juventude é a estabilidade, o casamento, a formação de um novo casal, única maneira de deixar a própria família, de tornar-se independente, afetiva e economicamente. Momento que as famílias operárias retardam o máximo possível, a julgar pela idade relativamente elevada dos que se casam, ainda que ela diminua ao longo do século XIX (de 28,7 em 1821-5 para 25,2 em 1901-5, para os homens; de 26,1 para 24,1, nos mesmos períodos, para as mulheres).<sup>43</sup>

Assim, entre uma infância que termina cedo, apesar da escolarização, e um casamento tardio, é longo o tempo da juventude operária.

### PRESENÇA DA FAMÍLIA

A família é, no século XIX, como se sabe,<sup>44</sup> a principal instância de regulação de uma sociedade em princípio atomizada e hostil a toda forma de organização intermediária. "Entre o Estado e os indivíduos deve haver apenas o vazio", dizia o revolucionário Amar. Na sutura do público e do privado, as duas "esferas" que regem também os papéis sexuais, encontra-se a família.

O mundo operário não escapa a essa ordem. Estrutura elementar, a família regula as uniões, a reprodução, as aprendizagens, os projetos para o futuro, impondo seu propósito global às vontades particulares de seus membros, mulheres e jovens sobretudo. Pois a família operária é patriarcal. Obedece à lei do pai, apoiada pelo Código Civil, que encontra nessa autoridade uma identidade legítima. Proudhon, o teórico da anarquia, o inspirador do sindicalismo francês, é também o mais fervoroso defensor da família patriarcal. Aqui como alhures, o pai representa a razão organizadora. Agricol Perdiguier queria ser camponês; tendo seus dois irmãos mais velhos preferido trabalhar na terra, coube-lhe encarregar-se da oficina paterna; seu pai decide que ele será marceneiro: "Ele era o mestre, eu me submeti".

Se o direito respaldou a família operária, a evolução econômica igualmente a fortaleceu, contrariamente a uma visão apocalíptica da industrialização que a historiografia dos últimos trinta anos atenuou bastante, sublinhando sobretudo o importante papel da proto-industrialização, essa mobilização rural e aldeã das energias no âmbito doméstico (*domestic system*) que opera ao mesmo tempo

a mutação dos camponeses em operários. Ora, a família é o cadinho dessa preparação para o trabalho industrial, do qual a tecelagem em domicílio constitui o modelo. Em volta do duro ofício de tecer, comandado pelo pai, atuam, cada qual com sua tarefa e seu lugar, a mulher e os filhos, cujo número permite a instalação de vários teares; a indústria rural estimula a fecundidade.<sup>45</sup> Se a tecelagem em domicílio sucumbe precocemente à mecanização na Grã-Bretanha, o mesmo não ocorre na França, terra de industrialização lenta e mais suave; ela perdura até a metade do século XIX, e mesmo mais além, no Cambrésis, onde Serge Graftaux recolheu o relato de vida de Mémé Santerre.<sup>46</sup>

A indústria artesanal, que no século XIX, não esqueçamos, constitui a maior parte do trabalho operário, mantém firmemente a dimensão familiar, que se agarra à oficina, doméstica ainda por cima, como a uma tábua de salvação. Assim, o fabrico de fitas de Saint-Étienne, exemplo de autonomia operária segundo Kropotkin,<sup>47</sup> beneficia-se da eletrificação para manter-se até os nossos dias, embora se feminizando.<sup>48</sup>

Nessa "família-oficina", onde hábitat e lugar de trabalho se confundem, a ordem de nascimento determina o futuro dos filhos, sendo o essencial levar adiante o ofício. Menino ou menina — aqui, tanto faz —, o primogênito se encarregará do trabalho, os mais moços podendo eventualmente estudar. Se for menina, ela corre o sério risco, ao tornar-se chefe de empresa, de ficar solteira. "Fui forçada a isso", diz a historiadora que a interroga uma dessas ex-chefes de oficina, confessando, sessenta anos mais tarde, uma falta de vocação que jamais ousou exprimir, a tal ponto a disciplina familiar, apoiada na ordem do ofício, comandava à existência.

A herança das famílias operárias é o ofício, ou pelo menos o emprego, única coisa que podem transmitir. Como a Revolução aboliu os privilégios corporativos (decreto de Allarde), elas recorrem a outros caminhos. Assim se perpetuam, no quadro de um ofício ligado a um território, "endogâmias técnicas"<sup>49</sup> de grande flexibilidade sob o aspecto das mutações tecnológicas. Os fabricantes de fitas de Saint-Étienne fornecem um exemplo, mas a lista seria longa: tosadores de lã de Sedan, luveiros de Grenoble, ebanistas do Faubourg Saint-Antoine (Paris), couteiros de Thiers, fabricantes de porcelanas de Nevers etc. Nesses casos, o controle familiar é total, tanto do emprego como do *know-how*. Esse controle é geralmente mais dissociado. No âmbito das fábricas, os operários procuram pelo me-

nos regular a aprendizagem, em número e em qualidade, recrutando preferencialmente seus filhos, aos quais ensinam os "macetes", os segredos do ofício. Mas eles precisam da cumplicidade do patronato. Em Marselha, os curtidores conseguem reforçar a hereditariedade da profissão: 9% de filhos de curtidores em 1820, 45% na metade do século XIX.<sup>50</sup> Em Berry, os industriais dão preferência aos filhos de operários. Na indústria de porcelana, que dizem requerer cinco anos para formar um operário, os aprendizes aproveitam as pausas, "instantes privilegiados durante os quais, vigiados discretamente pelos veteranos, tentam sua oportunidade no torno".<sup>51</sup> Os auxiliares de decorador são objeto de uma escolha ponderada da parte dos próprios operários, mas são "todos filhos de operários".<sup>52</sup>

Nas metalúrgicas, as crianças são primeiro serventes, depois, por volta dos doze anos, ajudantes ao lado dos afinadores de metal; por muito tempo permanecem sem lugar e sem certeza de vir a tê-lo; mas a hierarquia e a precedência familiares não são contestadas por ninguém em função do progresso no ofício.<sup>53</sup> Mesma situação nas vidrarias — Eugène Saulnier é vidreiro como seu pai<sup>54</sup> —, nos canteiros de obras de construção — Martin Nadaud é pedreiro como seu pai —, nas pedreiras: em Montataire, "o pai faz o filho trabalhar. O primogênito ensina a profissão ao irmão mais moço, o tio ao sobrinho etc. O corte da pedra se aprende portanto, por assim dizer, em família".<sup>55</sup> O patronato se acomoda facilmente a essas práticas que lhe poupam o encargo de uma aprendizagem onerosa. Em compensação, franze cada vez mais as sobrancelhas quando se trata do modo de produção que ele quer controlar. Conflitos se multiplicam contra "as pretensões operárias". Na época da Restauração, freqüentes coalizões opõem operários e mestres papeleiros que querem romper o monopólio da contratação de trabalho. No Lyonnais, entre 1890 e 1914, a questão da limitação do número de aprendizes está no centro de numerosas greves, que geralmente fracassam.<sup>56</sup> Para vencer a resistência operária, romper a velha aliança da família e do ofício, o patronato introduz novas máquinas e, por conseguinte, uma nova organização do trabalho, simplificada e mais transparente, que dissipa os "segredos". É o que acontece no setor da vidraria, último bastião dessas práticas e palco dessas batalhas. Com o tempo, os vidreiros são vencidos. Tendo o ofício perdido seus privilégios e seu atrativo, eles doravante afastarão seus filhos dessa ocupação. Para substituí-los, os industriais recorrem aos menores abandonados, assim duplamente "bastardos" — é como

são chamados — e duplamente explorados.<sup>57</sup> Quando a proteção familiar está ausente, a situação pode se agravar. Em Nancy, um jovem torneiro mecânico, filho de jardineiro, sem ligação familiar com os operários da fundição, é "espancado pela menor falta".<sup>58</sup>

Se não um ofício, é pelo menos um emprego, "uma colocação" que as famílias procuram oferecer a seus rebentos, fazendo-os ingressar na fábrica onde trabalham. Na indústria têxtil normanda, em Yvetot, por exemplo, "todos os tecelões são filhos ou sobrinhos de tecelões".<sup>59</sup> A imutabilidade é muito grande: as pessoas permanecem no mesmo estabelecimento do nascimento à morte. Pior ainda nas cidades industriais, monoindustriais, como Baccarat ou Le Creusot, que organizam elas próprias seu recrutamento, encarregando-se da formação de seus operários, reduzidos a uma dependência freqüentemente internalizada. A fábrica é o único horizonte deles, e fazer que o filho seja admitido torna-se uma obsessão. Essa era a idéia fixa do padraсто de Jean-Baptiste Dumay, completamente integrado ao paternalismo dos Schneider, que sempre insistiu para que Jean-Baptiste trabalhasse na Creusot, e inclusive casasse na região, exercendo uma pressão constante para que retornasse para lá. Nas manufaturas de tabaco, cujo estatuto estatal favorece linhagens protegidas, o funcionamento é idêntico: as cigareteiras preparam o lugar para suas filhas, caso bastante excepcional de carreira e hereditariedade profissional feminina.

Noutros casos, a indústria favorece a transmissão familiar porque busca reproduzir uma força de trabalho difícil de constituir e de conservar, não tanto em razão de qualificações excepcionais, mas da disciplina inculcada. É o caso do trabalho em minas: mais que um ofício — será o mineiro mais que um trabalhador braçal? —, constitui um modo de vida, perigoso, penoso, mortífero, em suma, pouco atraente. A mitologia do "belo ofício de mineiro" é inteiramente construída, à base de epopéia e propaganda, e culminará na Libertação (1944), em razão das necessidades energéticas nacionais.<sup>60</sup> Ao contrário, os historiadores mostraram o quanto a constituição de uma base de emprego estável foi difícil, obtida particularmente por uma política familiar de alojamento e contratação<sup>61</sup> que apresenta para a mão-de-obra vantagens em período de desemprego, mas que se torna insuportável com a evolução dos costumes e a elevação do nível de vida. Tão logo a conjuntura afrouxa as coerções, os jovens se evadem. Em 1911, em Carmaux (Gard), é preciso contratar trinta mineiros para conservar um. A mina é vista cada vez mais como a

pior saída, e os jovens se rebelam diante de uma estrutura profissional e familiar autoritária em que o mineiro-pai de família reina sobre a constelação dos demais, seus subordinados e seus filhos. A situação é especialmente delicada para os *berscheurs*,\* jovens de dezoito a 21 anos (a lei de 1892 tendo proibido a descida ao fundo das minas antes dessa idade) cuja ausência de estatuto apresenta muitos problemas.<sup>62</sup>

Assim, em todos os casos em questão, no confronto entre mundo operário e patronato, a família é um elemento estratégico. No centro do conflito estão os jovens, ao mesmo tempo protegidos e dirigidos, sustentados e comandados por essa realidade ambivalente que é a família. Por meio de uma série de coerções, ela se esforça por otimizar seus recursos (como diriam os economistas) e decide sobre muitas coisas: a formação, o emprego, a colocação e a transferência, o uso do salário, a partida e a formação dos novos casais que ela procura retardar o máximo possível, como veremos. Fecunda mais por necessidade que por escolha, ela própria começa a controlar seus nascimentos. Vale dizer que a existência dos jovens depende dela, em larga medida.

Contudo, vários fatores irão perturbar o funcionamento da família operária, conduzi-la a novos arranjos, distendê-la e até dissolvê-la. Primeiro, a própria industrialização que, após ter se utilizado da família, pode liquidá-la quando se torna um empecilho ao rendimento dos trabalhadores. Desse ponto de vista, as crises, em particular a "grande depressão" do fim do século, marcada pela desindustrialização dos campos e o desaparecimento da fábrica de aldeia, contribuíram para isso. A longo prazo, o que a indústria busca são trabalhadores totalmente independentes. Essa individualização crescente do assalariado coincide freqüentemente com as aspirações do jovem operário.

As migrações, ainda que se efetuem segundo um plano familiar que mobiliza os parentes, estabelecem uma distância propícia à emancipação. Jeanne Bouvier migra do Dauphiné para Paris com sua mãe, no início do século XX; mas em seguida a perde de vista e se integra progressivamente na capital. As grandes cidades, Paris principalmente, foram zonas de alforria para a juventude. Sabem-no os mais empreendedores, que sonham ali "subir na vida". Partir, viajar, é evadir-se, alargar seu horizonte, apropriar-se do mundo, arriscar-

(\* ) Denominação do Norte da França para carregadores de vagonetes. (N. T.)

se para ganhar ou perder. Quantos Rimbaud operários terão existido? Os relatos de aprendizagem são sempre relatos de viagem.

Mas primeiro é preciso trabalhar.

### TRABALHAR

A relação com o trabalho é certamente o que mais distingue infância e juventude no século XIX. A primeira subtrai-se cada vez mais a ele; a segunda está destinada a ele. A escola concorre com a fábrica, no que concerne à infância. Os menores de doze anos desaparecem da mina e da fábrica ao longo do século XIX<sup>63</sup> e se reduzem inclusive na oficina familiar, sobretudo em razão da obrigação escolar e da conversão das famílias ao projeto educativo. Nada disso ocorre com os adolescentes. Passados os treze anos, com restrições que já mencionamos, o trabalho é a norma. Após os dezesseis, eles são adultos em relação aos deveres, não em relação aos direitos, que não têm. A oficina, a fábrica, o canteiro de obras tornam-se assim espaços juvenis, pelo menos lugares da juventude operária. As "saídas de fábrica", grande tema de cartões-postais do início do século XX, mostram, saindo de manufaturas têxteis, no caso das mulheres, mas também das vidrarias, das usinas metalúrgicas, no caso dos homens, a presença desses grupos de jovens, na verdade muito jovens.

A diferença reside igualmente na natureza dos laços de dependência. Se, em relação à infância, o encaminhamento ao trabalho se efetuava sempre por meio da, dentro da e com a família, os meninos acompanhando seus pais ou seus irmãos mais velhos, as coisas se complicam e se diversificam com os adolescentes. No artesanato, a oficina paterna se esforça por retê-los, para o melhor e para o pior. Os inspetores de trabalho se queixam de não poder penetrar nesses mundos fechados nos quais, quando o poder do pai é duplicado pelo do mestre, tudo é permitido; as jornadas não têm fim, as regras de higiene são ignoradas e os conflitos mais duros. A idéia de que se aprende melhor apanhando, idéia que a escola leiga combate, persiste no meio operário. O pai não se dá conta de que o filho cresceu. Jean Allemane não suportou que, aos dezesseis anos, seu pai, um tipógrafo, o esbofetasse; daí sua revolta contra a autoridade e sua "conversão" socialista.<sup>64</sup>

Todavia, a maior parte dos adolescentes não dispõe dessas oportunidades e deve buscar colocação noutra lugar. Entre os mais qua-

lificados, persiste a velha idéia, herdada da Idade Média e codificada pelo *compagnonnage*, de que tal mobilidade permite melhorar os conhecimentos e as habilidades, mas se prefere que isso ocorra mais tarde. Colin Heywood, que procedeu a sondagens estatísticas em oito cidades industriais de diferente porte na metade do século XIX, constata que a porcentagem dos adolescentes de quinze a dezenove anos que viviam com seus pais é sempre superior a 74% para os rapazes e 92% para as meninas, o que restringe singularmente a representação de uma adolescência vagabunda.<sup>65</sup> É óbvio que residência não significa trabalho; mas isso implica pelo menos um raio de deslocamento reduzido. A verdadeira mobilidade começa depois. As famílias, decididamente, conservam seus adolescentes em casa.

De qualquer modo, a aprendizagem está "em crise", todos reconhecem. Mas que crise é essa? Peter Laslett havia identificado, para a época moderna, um vasto sistema de colocação das crianças e dos adolescentes, principalmente no serviço doméstico, que ele chamou "life cycle service". Esse sistema, amplamente difundido em toda a Europa ocidental, era ao mesmo tempo técnico e social, correspondendo à idéia de uma distância necessária em relação à família tanto para a aprendizagem de um ofício como para a vida. Frequentemente muito dura, a condição dos aprendizes se tornou ainda mais rigorosa com o puritanismo e sua obsessão com a sexualidade. Afastar os adolescentes equivalia, segundo André Burguière, a uma "conduta de evitação", inclusive do incesto, maior perigo de todos (sobre esse tema, muitas pesquisas seriam desejáveis). Daí haver uma atitude de suspeita, muito rígida em relação aos aprendizes, figura da tentação, "os escravos da Europa", diz uma autobiografia alemã.<sup>66</sup>

No século XIX o sistema perdura, mas se reduz em sua dimensão e em suas modalidades. Assim, reforça-se a divisão sexual das tarefas. A colocação doméstica, na cidade pelo menos (no campo, os criados de propriedades rurais são tão numerosos quanto as criadas), é reservada às meninas, cada vez mais raramente aos rapazes: o ascensorista de Balbec é uma sobrevivência, ao passo que as Françoise se multiplicam.<sup>67</sup> Para eles, contam a aquisição de um ofício junto a um mestre, substituto do pai, e companheiros qualificados. O papel dos parentes — tios principalmente, primos ou irmãos mais velhos — ou da vizinhança provincial é decisivo na escolha do lugar de aprendizagem. Aos treze anos, Eugène Varlin vem do Marne a Paris para aprender com seu tio, na rua des Prouvaires, o ofício de

encadernador. Jean-Baptiste Dumay entra na Cail, famosa usina mecânica, no bairro de Grenelle em Paris, graças a operários da Creusot.

A colocação em oficina deveria, em princípio, ser objeto de um contrato que estipulasse os direitos das duas partes. É o que preconiza Ducpétiaux, que fornece um modelo e solicita a vigilância das sociedades de patronato.<sup>68</sup> Nada obriga, porém, a contratos por escrito, nem mesmo a lei de 1851, que tem um caráter facultativo e se contenta em reiterar os princípios de uma justa aprendizagem.<sup>69</sup> De 19 mil aprendizes recenseados em Paris em 1845, 10 mil têm alojamento e alimentação, mas somente um quinto com contrato escrito. Situação pior ainda no final do século: segundo o recenseamento de 1898, de 602 mil adolescentes com menos de dezoito anos que trabalham na indústria e no comércio, 540 mil não têm nenhum contrato. Vale dizer que este caiu em desuso. Um simples compromisso verbal é suficiente, fácil de romper tanto pelos mestres, que podem dispensar de um dia para o outro em função de suas necessidades e seus humores, quanto pelos aprendizes, prontos a se evadir. Os tribunais de trabalho passam seu tempo com essas questões: entre 1868 e 1872, em Paris, 75% dos casos que examinam dizem respeito a rupturas de contratos *verbais* de aprendizagem.<sup>70</sup> É que as condições de vida e de trabalho, como todos reconhecem, são deploráveis. Mal alimentados, os aprendizes são ainda pior alojados, em sótãos, em desvãos, na própria oficina. Segundo o relato autobiográfico de Gilland, "esses pobres infelizes dormiam ao pé de sua mesa de trabalho sobre um leito de lona aberto à noite e que devia ser guardado de manhã".<sup>71</sup> Os inspetores de trabalho não cessam de protestar contra a ausência total de higiene da "dormida" dos aprendizes padeiros e confeitores ou dos jovens torcedores de seda de Lyon. A consciência da tuberculose aguça a sensibilidade para a falta de higiene. Privilégio paterno, a prática de castigos é tolerada quando se trata do mestre. O patrão joalheiro do pequeno Guillaume estabeleceu uma escala de punições. "Ele batia nas crianças com uma vara de junco que comprava expressamente para essa função e renovava diversas vezes por ano. Depois dos golpes, havia o pão seco, o pão de rolão por um dia, uma semana, ou um mês."<sup>72</sup> Por isso ocorriam às vezes revoltas, individuais — em 1841, o jovem Pottier é condenado a vinte anos de trabalhos forçados por ter assassinado seu mestre, escultor em madeira em Paris, que batia nele com ferramentas e havia provocado a morte de um de seus colegas<sup>73</sup> — ou coletivas, como a relatada por Gilland, "conspira-

ção" aliás abortada contra o "tirano". Com a elevação da idade dos aprendizes, cada vez mais adolescentes, os castigos corporais diminuem, mas são substituídos por gestos de cólera, com arremesso de ferramentas.

Mesmo sem chegar a tanto, o aprendiz é o "burro de carga" da oficina, bom para tudo e para nada, atormentado por uns e por outros, doméstico de todos, inclusive da patroa que faz dele empregado e garoto de recados. Ele limpa os instrumentos, as bancadas de trabalho, a oficina, varre, arruma; transporta caixas e pacotes, faz entregas, arrastando pesadas cargas em carrinhos de mão que no século XIX constituem o meio essencial de transporte de mercadorias<sup>74</sup>. Os "puxadores de carrinho" sulcam as ruas da capital, aproveitando para andar à toa, para "sumir". Muitos, acusados de vagabundagem, são recolhidos à Petite Roquette, prisão de menores desde 1836. Em número menor, porém, que os rapazes "sem ocupação" ou que vivem "de biscates", mais vulneráveis ainda. Ser aprendiz, apesar de tudo, representa uma seleção que pressupõe uma família atenta e um mínimo de instrução.<sup>75</sup>

O mais preocupante é que em geral esses "paus-para-toda-obra" não aprendem nada. O patrão os negligencia e, sempre apressados, os operários se impacientam com sua falta de habilidade, estão sempre a criticá-los e os preferem "comparsas" complacentes a trabalhadores curiosos. Ou, então, fazem-nos cumprir sempre a mesma tarefa, o mesmo gesto, a mesma parcela de objeto. Eles fornecem uma mão-de-obra quase gratuita ou muito barata. Nesse ponto, a situação é ainda pior na província, onde o emprego é mais restrito. Na Sabóia, por exemplo, em 1879, a aprendizagem gratuita dura normalmente dois a três anos, "e pode-se mesmo ficar quatro ou cinco anos quando se é alimentado e alojado na casa do patrão".<sup>76</sup>

Os mais desejosos de aprender recolhem como podem migalhas de saber, utilizam as pausas se encontram um companheiro complacente, ou "espiam por cima do ombro dos companheiros", como diz Jules Simon, que, como todos os filantropos, deplora esse sistema. Ou então, se puderem, mudam de oficina, essa mobilidade — esse *turn over*, segundo uma expressão dos anos 1930 — sendo, ainda nos dias de hoje, um substituto da aprendizagem. Foi assim que Eugène Varlin aprendeu seu ofício de encadernador ou Jean Allemane o de tipógrafo. O primeiro tem treze anos quando seu tio o faz vir da província a Paris (em 1852) e o coloca como aprendiz antes de o acolher em sua casa; o tio é exigente e rude; Eugène dei-

xa-o um ano mais tarde; está com quinze anos e começa a ganhar a vida. Sua caderneta de trabalho permite fazer uma idéia de seu itinerário; de 1855 a 1858, tem cinco empregadores diferentes, sempre no sexto *arrondissement*, grande bairro do livro. Dispensado do serviço militar em 1859, ele "gira" por mais cinco anos, até 1864; torna-se contramestre da Despierres, rua de l'Échelle, de onde é rapidamente afastado. Instala-se então por conta própria aos 26 anos. "Minha especialidade é a preparação de capas para encadernação, mas posso fazer tudo, se preciso", diz ele. Hábil artesão, chega a ganhar até oito francos por dia.<sup>77</sup>

Jean Allemane tem um percurso um pouco diferente, pois permanece quatro anos (1855-9), dos doze aos dezesseis anos, certamente ligado por contrato, numa grande tipografia (Dupont), e somente então começa um périplo profissional e operário intenso, antes de se fixar. Quanto a René Michaud, cinquenta anos mais tarde, ele tenta se iniciar nos diversos setores da indústria do calçado, fragmentada em operações múltiplas, e vai de uma fábrica a outra, empenhado em conquistar um ofício. "Éramos os últimos nômades do trabalho industrial, e o número de oficinas pelas quais sucessivamente passei, meu *turn over*, faria algum douto psicólogo me qualificar como um indivíduo patologicamente instável... Mas como nada regulamentava a aprendizagem, era preciso forçosamente substituí-la pela iniciativa."<sup>78</sup>

Eis o que esclarece a "crise da aprendizagem", ao mesmo tempo industrial e disciplinar. As mutações tecnológicas fizeram explodir os ofícios, especialmente em Paris, cidade de artesanato tradicional. "A especialização invadiu tudo", diz um relatório de 1877. "Na maior parte das indústrias, foram criadas oficinas secundárias nas quais se fabrica, de uma ponta do ano à outra, apenas um único objeto ou mesmo uma fração de objeto. Ora, é sobretudo nas pequenas oficinas que os aprendizes são numerosos, porque somente aí podem ser aproveitados pelo patrão que vigia ele próprio o trabalho. Não é fazendo constantemente o mesmo objeto que eles poderão se tornar verdadeiros, bons operários. Acaso se formarão ebanistas nessas oficinas de Paris onde se fabricam apenas, e com a ajuda de máquinas-ferramentas, mesas de certo tipo ou mesas de máquina de costura? Far-se-á um cadeireiro do aprendiz cujo único trabalho consiste em reunir as diversas partes de uma cadeira que, por causa das necessidades de transporte, chega desmontada da província ou do estrangeiro?" E o relatório conclui: "A aprendizagem está em

vias de decadência". O remédio? Uma rede de escolas profissionais sustentadas pelo Estado, pois "a pobreza dos pais é grande e não lhes permitiria sequer pagar uma pensão suficiente para cobrir as simples despesas com o ensino".<sup>79</sup> O movimento operário não diz outra coisa, desenvolvendo, de congresso em congresso, um verdadeiro "pensamento sobre a educação".<sup>80</sup> Ele reivindica sobretudo um "ensino integral" que não sacrifique nem a cultura geral que faz o cidadão, nem os saberes profissionais que constroem o bom operário, o operário completo; um ensino que jamais dissocie a teoria e a prática. "O adolescente que experimenta no mesmo dia um fenômeno cuja teoria estudou, honra em sua justa medida o labor do operário, suas mãos", diz Ernest Roche no Congresso de Marselha (1879).<sup>81</sup> Vãs esperanças. O ensino técnico e profissional francês foi e continua sendo um fracasso. Isso se deve ao desconhecimento que o sistema escolar, contrariamente à Grã-Bretanha e sobretudo à Alemanha, tinha da indústria, à indiferença e mesmo ao desprezo que nutria em relação ao operário — e que os jovens sentiam como uma discriminação.<sup>82</sup>

Isso explica seu "espírito de rebeldia", sua insubordinação, sua tendência a "desistir", sua insolência. Eis aqui um trecho do registro de uma agência patronal de colocação, em 1874. Um aprendiz, "após ter permanecido dois dias na casa de seu patrão, partiu de maneira bastante grosseira, sob a influência de sua tia. Voltou ao escritório do secretário dizendo que havia deixado seu patrão porque seus pais não haviam podido se entender com ele quanto às condições. O secretário lhe indicou a casa Hendrickk, onde ele se apresentou de forma tão pouco conveniente e demonstrando pretensões tão exorbitantes que a senhora Hendrickk o dispensou".<sup>83</sup> "Não há nada a esperar dos aprendizes", escreve *La République Française* (18 de agosto de 1884). "Eles não sabem nada, mas em compensação conhecem todas as ruas de Paris e mesmo da periferia." A lamentação sempiterna indica uma situação real, bem identificada por Alain Cottureau: a recusa de um número crescente de aprendizes de aceitar a situação que lhes é proposta, recusa que o mercado de emprego parisiense permitia. Mais instruídos (desde 1860, 87% dos operários parisienses sabem ler e escrever), com mais idade também, os "aprendizes" do fim do século XIX dão sinais de consciência impaciente.

Em virtude da legislação protetora, as crianças desaparecem, lenta mas inexoravelmente, do fundo das minas e do recinto da fábrica, que se tornam assim território dos jovens operários. Em 1897 (ano de um recenseamento), a grande indústria conta com 223385 rapazes de doze a dezoito anos e 210182 moças da mesma idade, portanto quase o mesmo número. Mas uma segregação sexual crescente separa empregos e espaços: a indústria têxtil é majoritariamente ocupada por mulheres adultas e menores de idade; os rapazes não poderiam permanecer ali além da adolescência, exceto se fazem uma carreira no setor administrativo ou em tarefas especializadas.

Em todos esses lugares — a mina, o canteiro de obras, a fábrica — a contratação é familiar. Com freqüência é feita dentro de equipes em que o jovem operário é auxiliar de seus pais ou de um irmão mais velho, tão incorporado à força de trabalho deles que seu salário é agregado ao deles. Quando trabalha para outras pessoas, é remunerado por seu chefe de equipe. Sua relação com o patrão é sempre intermediada; aos olhos deste, ele não existe. Passa a trabalhar na fábrica porque "não vai bem na escola" ou porque se aborrece nela. Muitos testemunhos — os de Dumay, Saulnier e Navel, por exemplo — mencionam esse tédio escolar. "Estava cansado de gastar os fundilhos nos bancos de escola e não via a hora de seguir o caminho do irmão mais velho", diz Eugène Saulnier. "O certificado, para mim, não representava grande coisa. Talvez com pesar, meu pai sentenciou: 'Poderás ser um bom vidreiro'."<sup>84</sup> As formalidades são simples: "Dois minutos de entrevista entre o pai e o diretor, e tudo estava acertado". É verdade que se trata aqui de uma fábrica de vilarejo. Nas grandes empresas é mais complexo. Algumas recrutam diretamente em suas escolas. Na Creusot, contratam-se por grupos de seis, dez ou doze, conforme as necessidades: "O diretor das escolas chegava na primeira classe e dizia aos alunos: 'É preciso tantos aprendizes nas forjas, tantos na afinação de peças ou na caldeiraria. Quem quer ir?' — e quem quisesse erguia o braço, contanto que tivesse pelo menos doze anos, e isso sem nenhuma consulta aos pais, sem nenhuma vocação para o emprego disponível, mas movido por este único propósito: o prazer de deixar a escola", conta Dumay,<sup>85</sup> que entra assim, aos treze anos, em 1854, para a oficina de afinação de peças. De maneira geral, os jovens ope-

rários de fábrica são menos instruídos que os aprendizes das oficinas urbanas.

Desde o início, os jovens das fábricas se inserem num processo de produção do qual constituem uma peça. Mais do que aprendizes, são chamados "ajudantes", "auxiliares", ou pelo nome da operação que executam; são cerzidores de fios, cardadores de malhas, remendões, marginadores de tipografia, serventes de altos-fornos, carregadores de minas, serventes de vidraria etc. Às vezes exercem uma função temporária, repetitiva e sem futuro; outras vezes escalam os degraus de uma profissão. Exemplo do primeiro caso: na Creusot, os aprendizes fabricam sempre as mesmas peças; "os torneiros eram agrupados em cerca de trinta, cada um se especializava em cavilhas e parafusos sempre mais ou menos idênticos, durante seis meses, um ano, dois anos ou até mais, adquirindo uma habilidade manual extraordinária com a rotina. Um jovem aprendiz, ganhando um franco por dia, conseguia fazer numa jornada até duzentas cavilhas", que normalmente teriam custado dez francos para a fábrica. O aprendiz não aprende nada, mas é útil à fábrica e à sua família, que freqüentemente se contentam com isso. É preciso energia para se livrar dessa armadilha, como faz Dumay, que, aos dezoito anos, resolve ir para Paris.

A mina ou a vidraria pertencem ao segundo caso. Com rara precisão, Eugène Saulnier conta como aprende os gestos do ofício e sobe na hierarquia da vidraria. Contratado como "substituto" de um rapaz ausente numa equipe (composta de três assopradores e seus três auxiliares), em seguida é auxiliar de forno, fogueira, e finalmente assoprador de primeiro grau, pois existe toda uma graduação. Aos dezessete anos tem um "ofício nas mãos" que ele prefere ao de doméstico numa casa de campo. Ganha mais e sente-se respeitado. Gosta sobretudo de subir na escala das tarefas: "Quando começo a trabalhar, os outros já trabalharam para mim". Sua ascensão foi relativamente rápida graças a um velho operário, Père Pilon, que o ensinou bem; mas ele admite que isso acontece freqüentemente por "mera sorte" ou segundo as decisões dos veteranos, muito influentes. O ofício é uma pirâmide tanto de poderes quanto de saberes. O que é ainda mais verdadeiro nas minas, e mesmo nos canteiros de obras de construção. Vale dizer que o jovem operário sofre múltiplas sujeições, nas quais justamente a idade tem muita importância.

Os veteranos se mostram mais ou menos condescendentes. "O operário, senhor e mestre, devia ser servido", diz Saulnier.<sup>86</sup> Mas, diante da urgência da tarefa ou do apetite pelo pagamento por peças, com frequência são grosseiros e brutais. Dumay, servente na Cail (Paris, Grenelle) aos dezanove anos, deve transportar chapas metálicas espessas e geladas até o traçador "que se divertia vendonos soprar nos dedos". Quinze dias mais tarde, ele substitui numa forja o auxiliar do operário encarregado da purificação do ferro fundido (a rotatividade muito alta permite a contratação rápida). Passa lá uma noite que lhe deixou tristes lembranças. Canhestro, é insultado pelo operário, "um homem de trinta a 35 anos com porte hercúleo, que ameaçou me dar uma sova", que o trata de "desajeitado, indolente, inútil" e acaba por lançar-lhe no rosto suas tenazes, das quais felizmente se esquivava. "Os operários das forjas jamais falavam com seus auxiliares a não ser desse modo",<sup>87</sup> diz Dumay, melancólico, que resolve mais uma vez ir embora.

Essa aprendizagem "no trabalho" não é necessariamente difícil. Trata-se de tarefas simples e repetitivas: "abrir, fechar, abrir, fechar, nem mais nem menos", o molde para a massa de vidro. "Presso no meu banquinho", rente ao chão, "praticamente não tinha ocasião de contemplar o que se passava ao redor", diz Eugène Saulnier, que se lembra sobretudo de seu extremo cansaço. Quando cochila, seu assoprador lhe dá um pontapé na tibia. Intermináveis jornadas: depois dos dezesseis anos, nada as limita, é o ritmo dos adultos que comanda sem restrição. Intermináveis semanas: há inclusive acertos para que no domingo os jovens venham limpar as máquinas e arrumar as oficinas. Saulnier considera-se feliz por ter sua tarde de domingo livre, "o domingo gordo". As pausas são encurtadas pelos deveres — os operários exigem que tudo esteja pronto para recomeçar — ou pelos eventuais exercícios.

Por isso as reivindicações para preservá-las: os jovens metalúrgicos de Lille pedem para não mais ir à escola durante a hora do almoço; os marginadores das tipografias gostariam de não mais lavar as ferramentas no momento da refeição e ter direito a um recreio de cinco minutos "para comer uma fatia de pão", pois lhes proibem formalmente comer trabalhando e "eles acham muito longo o período da tarde".<sup>88</sup> As refeições são rapidamente consumidas; a marmitta, mal aquecida, é logo esvaziada. Os adultos, aquecidos, bebem muito; e os jovens cedo se iniciam no álcool que viriliza.

Extenuados com frequência, menos habituados às cadências das máquinas, assumindo riscos para executar mais depressa o serviço, distraídos pelo desejo de se comunicar com os colegas, os jovens operários estão mais expostos a acidentes. Segundo o governador do Departamento do Norte, num mês de 1853, de 81 operários acidentados, 57 têm menos de vinte anos. Mãos mutiladas, dedos arrancados, membros quebrados ou feridos são fatos ordinários, quando não acontece o mais grave: corpo e roupas abocanhados pelas temíveis presas das máquinas deixadas expostas, sem proteção, sobretudo na primeira metade do século, tão descuidada nessa questão.

Não é de admirar portanto que os conselhos de revisão do exército dispensassem tantos jovens operários. Na segunda metade do século XIX, porém, a situação melhora, por razões gerais (melhoria global do nível de vida) e particulares: retirada das crianças, melhores condições de higiene e de segurança. Os inspetores de trabalho, muito vigilantes quanto ao primeiro ponto, se ocupam depois de 1900 sobretudo dos segundos, sem que os jovens sejam alvo de uma atenção específica.<sup>89</sup>

A fábrica é mais dura para os jovens que a oficina? É discutível. Norbert Truquin preferia a fábrica de fiação da Picardia, onde aos treze anos ingressa como cerzidor, ao arbítrio dos antigos mestres. "Nas fábricas, as oficinas são aquecidas, suficientemente arejadas e bem iluminadas; a ordem e a limpeza reinam ali e o operário tem companhia. [...] O tempo passava alegremente", diz ele acerca dessa época (por volta de 1845) em que o espaço da fábrica era pouco controlado.<sup>90</sup> É provável que o fortalecimento geral da disciplina industrial tenha pesado especialmente sobre os jovens, pressionados entre um patronato tenso e adultos nervosos. A fábrica torna-se "o trabalho forçado". Eles a detestam, o que alimenta no início do século XX a psicologia libertária.

Os jovens se revoltam? A fábrica, mais que a oficina, favorece suas ações coletivas. O aprendiz desafortunado, muito isolado, conta apenas com o tumulto, a escapadela ou a fuga. Mais numerosos, os jovens de fábricas formam um grupo capaz de se afirmar. Movimento social, no sentido da sociologia da interação (Alain Touraine)? Nem tanto. Antes movimento de protesto, sobretudo pela greve. De duas maneiras:<sup>91</sup> primeiro participando dos conflitos de massa. Os jovens estão presentes nesses movimentos, manifestando-se com ardor. Entre 1871 e 1890, 16% dos manifestantes detidos têm entre quinze

e dezenove anos e 6% dos líderes identificados pertencem a essa faixa de idade. Delineiam-se figuras de jovens "líderes", com a voz potente, o tom da recusa e às vezes o carisma que arrebatava. Como Félix Cottel, jovem militante sindicalista de Troyes, por cuja reintegração se mobilizam os cardadores. Como Étienne Rondeau, dezessete anos, laminador, excelente operário, líder de Vierzon: "Não sou um escravo", diz ele, exortando seus companheiros.<sup>92</sup> Nas indústrias mais homogêneas, onde estão bem integrados, os jovens são às vezes detonadores. Isso é verdade sobretudo na indústria têxtil, onde são muitos. Em Troyes, os cardadores, trabalhadores de catorze a dezesseis anos — "nossas crianças" —, fomentam a maior parte dos conflitos dos fabricantes de bonés. Nas fiações, os cerzidores, muito afetados pela aceleração do ritmo de trabalho acompanhada da supressão da mão-de-obra, se agitam muito. Na Alsácia, entre 1850 e 1870, os jovens operários formam mais de 22% dos grevistas, abrangendo também as mulheres.<sup>93</sup> No conjunto da França, entre 1870 e 1890, eles são responsáveis por mais da metade das greves de jovens e têm um forte poder de mobilização. Em Vienne (Ródano), os enlaçadores de fios, adolescentes de doze a dezesseis anos, convencem as mulheres, estofadoras e tecelãs, a se manifestarem no Primeiro de Maio de 1890, e protestam com furor contra os fabricantes da cidade.

Nas minas, a situação dos condutores ou carregadores de vagonetes é mais desconfortável, e seu papel incitador depende da estrutura familiar. Nas minas das encostas do Maciço Central, eles desempenham com frequência esse papel: em 1846, na Loire, em 1878, no Allier, por exemplo. No Norte — da França e da Europa em geral —, mais hierarquizado, onde profissão e família são construídas em torno da figura do lenhador, do mineiro em plena força da idade, do "Pai", a posição dos carregadores de vagonetes é subordinada. Reduzidos ao silêncio na família, também o são nos sindicatos, que sempre estabelecem cláusulas restritivas a seu voto; em Seraing, é preciso ter 21 anos para votar numa assembléia.<sup>94</sup> Suas greves próprias, relativamente numerosas, são pouco levadas em conta pelos mais velhos, que julgam que eles não têm voz no assunto, que há um tempo para tudo. Na maioria das vezes, os jovens, educados no culto do pai, do herói masculino do inferno negro, seu modelo de identidade, aceitam, se calam e reproduzem por sua vez o papel inculcado. Mas, em período de crise ou de tensão, essa segregação pode levar a um conflito de gerações que se traduz em termos de

fuga ou de confronto, inclusive sindical. Pois os jovens de um dia serão os adultos de amanhã.

O mesmo acontece em todas as indústrias de estrutura hierárquica que consideram os jovens como auxiliares cuja agitação perturba a ordem das coisas. É o caso das tipografias, onde recebedores de folhas e marginadores são vistos como entidade negligenciável. Ou nas vidrarias, onde as greves de serventes ou mesmo de "auxiliares" são sempre tratadas com desprezo. O peso das famílias soma-se então ao do patronato para fazer cessar um conflito considerado como um prejuízo e uma incongruência. Notemos porém que essa indústria manifesta veleidades de organização dos jovens; convoca em Aniche, em 1893, um "congresso de serventes" e, durante algum tempo, um jornal, *Le Cri des Jeunes*, dirige-se aos de dezoito a vinte anos.<sup>95</sup>

A reivindicação dos jovens operários, numa grande fábrica como a Creusot, é vista como inadmissível, quase como uma piada, o que é pior. Jean-Baptiste Dumay conta como, em 1858, após uma redução do magro salário que ele e os colegas recebiam, convence-os a "marcharem coletivamente até o chefe dos trabalhos, que era então um tiranete da pior espécie [...], o qual ficou literalmente apavorado ao nos ver chegar, uns trinta reclamantes juntos. Ele declarou não querer receber delegação, mas que cada um de nós lhe apresentaria seus desejos pessoais isoladamente". Dumay se adianta, enquanto os outros vão embora; acaba sendo demitido, o que ele buscava, tendo vontade de mudar de ares.<sup>96</sup> Muitas greves de jovens exprimem assim o cansaço e o desejo de se evadir. Mas nessa época as possibilidades de ação autônoma dos jovens operários são muito reduzidas.

#### VIVER NA CIDADE

Por isso, assim que podem, aos dezoito ou mesmo aos dezesseis anos, os jovens procuram partir, valendo-se da idéia positiva que apesar de tudo se associa à viagem como instrumento de formação, na esteira do *Tour de France*, do qual Agricol Perdiguier forneceu, na metade do século, um modelo autobiográfico nostálgico. A narração desse *tour* ocupa dois terços das *Mémoires d'un compagnon*. Perdiguier realiza essa viagem, principalmente pelo Sul da França, entre 1824 e 1828, dos dezenove aos 23 anos. Faz dela

um relato iniciático, cuja circularidade — de Morières a Morières, sua aldeia do condado venasco — sugere o acabamento da formação do aprendiz, transformado em *compagnon fini*. Iniciação ao trabalho, fundamento da identidade, no caso o trabalho em madeira da mais bela profissão, a de marceneiro — aquela que Jean-Jacques Rousseau queria dar a *Emílio* —, amorosamente detalhada em seus materiais, suas habilidades e seus instrumentos. Iniciação às práticas do *compagnonnage*, a seguir, iniciação à França, enfim, cujos costumes, paisagens e cidades, centros da civilização, devem ser conhecidos. Há aí uma apologia da viagem a pé e suas virtudes formadoras para a juventude popular, um elogio da mobilidade ordenada. O *Tour de France* é uma iniciação operária e cívica ao mesmo tempo. Por outro lado, esse relato é também uma reportagem muito animada, cheia de encanto, recheada de informações concretas sobre a vida de trabalho e de lazer dos jovens *compagnons*. Um monumento e um documento.

O jovem metalúrgico Dumay também faz seu *tour* em 1860-1, com dezenove-vinte anos, sem apoio do *compagnonnage*, mas valendo-se constantemente de muitos parentes ligados à profissão e de conterrâneos da Creusot que, por sua qualificação, ocupam posições elevadas nas grandes fábricas metalúrgicas.<sup>97</sup> Ele deixa Paris, não sem alguma tristeza — “a capital me agradava” —, mas é que lá não aprende mais nada. Com seu companheiro Thomas, dirige-se ao Sul, passando por Auxerre, Dijon, Pontmarc, Épinac, Lyon, o vale do Ródano, Nîmes, Uzès e finalmente Marselha, trabalhando, por semana, em grandes fábricas ou modestas oficinas, dormindo em quartos de aluguel ou em hospedarias geralmente agradáveis, ou ainda em granjas. Viaja quase sempre acompanhado, com companheiros diferentes, ora de diligência, ora de trem ou a pé, como entre Lyon e Marselha. “Que tempo bom, com que prazer me lembro dele, que alegria ao longo da estrada com minha mochila na ponta do bastão!”, cantando e se divertindo. Contratado em Ciotat, na Transportadora Impériaux, permanece ali catorze meses, retido por “um amor partilhado cuja lembrança ainda hoje me comove, após quarenta anos de distância”. Mas tira um mau número que rompe todo projeto sentimental, obrigando-o a um serviço militar de sete anos (1861-8) do qual nos oferece um relato bastante excepcional na literatura operária.<sup>98</sup> Durante todo esse tempo, ele jamais perdeu contato com os familiares que insistem na sua volta a Le Creusot. É para lá que retorna, ao sair da caserna, para trabalhar e se casar com

uma moça da região, a 21 de novembro de 1868, aos 27 anos. Esse jovem despreocupado e rebelde — fomentou várias greves em sua passagem, à diferença de Perdiguier — torna-se um militante republicano e socialista.

Saulnier, o jovem vidreiro, sonha também deixar a vidraria de sua adolescência para conhecer melhor o ofício: “As pequenas peças que havia aprendido a tirar de meu bastão (bastão de assoprador) não me satisfaziam”. Seu irmão mais velho, Armand, vidreiro na Dordonha, gaba-se de suas proezas e do dinheiro que ganha. “Como os velhos, ele trabalhava com as quatro patas e a boca [termo de ofício] e se felicitava por ter nos deixado.” Eugène decide partir. Está com dezesseis anos. “Então, Eugène, vais fazer teu *tour*?”, lhe dizem. A mãe resmunga um pouco mas se conforma: “Estava escrito no destino dos vidreiros. Quando não se tem a alma nômade, o ofício faz com que ela se torne”. Além disso, “estava na hora de pagar o tributo da mocidade”.<sup>99</sup> Ele junta-se ao irmão, passa a trabalhar em sua vidraria, partilha seu quarto e descobre outra atmosfera social; em virtude da proximidade de Bordéus, os jovens são mais contestadores, fazem greve, cansados de não serem considerados como verdadeiros aprendizes. Saulnier é mais estável que Dumay: dois anos (1908-10) na Dordonha, dois anos (1910-2) em Choisy, perto de Paris, até ser convocado pelo exército. “Não me interessava ser dispensado. Em Plessis, isso daria o que falar. Colocariam questões a meu respeito, não me levariam a sério.”<sup>100</sup> Decididamente, os tempos mudam. Incorporado em 1912, ele passará pela Grande Guerra e só voltará à terra natal em 1919, aos 27 anos, para desposar Alsine, sua “prometida” há doze anos.

Por meio desses três exemplos, percebem-se bem as funções múltiplas dessas viagens, iniciação ao ofício, à sociabilidade, ao amor e à política, verdadeiras “universidades” dos jovens operários. Tempo essencial de ruptura, de descoberta, de escolha pessoal, de encontros e de inserção na vida pública, em que as cidades justamente desempenham um papel preponderante.

Mais efervescentes — sobretudo Paris, tão amada pelos proletários do século XIX —, elas oferecem possibilidades múltiplas, um formidável alargamento de horizonte. Pois os jovens são ávidos de diversões. Apreciam todas as formas de teatro, que Perdiguier adora, o café-concerto e o cinema, dos quais farão o sucesso. Mais preocupados com seu corpo, freqüentam os banhos públicos; Saulnier vai toda semana aos banhos quentes com seus companheiros; nos

dias de sol, eles nadam e remam. Quanto ao esporte (palavra tardia), preferem o boxe francês e a luta, mais do que a esgrima que praticam os mais abastados (Norbert Truquin, por exemplo). No começo do século xx, o boxe suscita um entusiasmo proporcional às esperanças que faz nascer.<sup>101</sup> As modas mudam, mas se afirma um gosto crescente pela competição e o exercício físico. Mais ainda, em seus quartos e em seus alojamentos, nos bares, nos cafés, os jovens se reúnem para jogar bilhar, sobretudo cartas, para discutir ou simplesmente beber juntos. No começo do século xx, surge o costume dos passeios fora da cidade, de bicicleta, e em grupo.

O grupo é, tradicionalmente, o cadinho de uma sociabilidade juvenil intensa. Ele se forma segundo afinidades de ofício — os *compagnons*, nesse ponto, são de um particularismo assustadico que se atenua com o tempo —, de bairro ou de origem. Os jovens de Le Creusot, sensíveis ao "ponto de honra", põem-se a brigar nos salões de esporte ou de baile, não suportando a zombaria que sua rusticidade às vezes suscita: "Jamais poderíamos nos resignar em ouvir os apelidos insultantes dados aos pedreiros da Creuse", diz Martin Nadaud. Os conflitos, resolvidos nos meios intelectuais ou nas classes abastadas pelo duelo (que conhece um recrudescimento no século XIX), se resolvem a socos, e coletivamente, entre grupos. "Hoje não se poderia fazer uma idéia do quanto naquela época se prezava a força."<sup>102</sup> Há uma violência operária em que se misturam o gosto de liberar o corpo das coerções impostas pelos gestos do trabalho e o desejo da proeza física. As saídas de baile, lugar de encontro dos sexos, são também a ocasião de rixas pelas mulheres, disputadas como um terreno a conquistar.

Terreno mais importante que o da política. Em geral, esta é um assunto de adultos, ainda mais que os limites de idade frequentemente excluem os jovens do voto, mesmo do sindicato. Eles se manifestam mais do que se associam, em grupo na maioria das vezes; são ardentes nas barricadas, que a lenda lhes atribui muito sistematicamente. No entanto, é preciso grandes acontecimentos para que se mobilizem, com frequência incertos. Norbert Truquin, em fevereiro de 1848, é em Paris um jovem espectador interessado, a revolução não interrompendo o curso de sua vida ordinária e de seus prazeres. Em junho, porém, apóia os insurretos dos Ateliers Nationaux, que a Guarda Nacional móvel reprime. Esta é recrutada entre os jovens desempregados. Os estudos de Charles Tilly e de Pierre Caspard permitiram sólidas comparações sociológicas: a média de

idade dos insurretos levados aos tribunais é de 34 anos; a dos guardas móveis, 21 anos e meio, a metade tendo entre dezessete e vinte anos. Nenhuma diferença profissional entre uns e outros, eles pertencem à mesma camada social. Em contrapartida, enquanto 63% dos guardas móveis nasceram na província e chegaram recentemente a Paris, o inverso acontece com os insurretos. A idade, em suma, conta menos que o grau de integração, profissional, local e política.<sup>103</sup>

As vias de politização são muito diversas. Muitas autobiografias insistem na transmissão de um modelo familiar republicano oriundo da Revolução Francesa, invocam a influência de alguém mais velho — geralmente um irmão —, encontros, acima de tudo amizades, leituras ou discussões de café. Martin Nadaud fala do café Momus, em Paris, cujo dono é um velho soldado da guarda imperial (o papel dos oficiais de meio soldo na tradição oral foi considerável): "Aquele sopro revolucionário que respirávamos no café Momus impedia de perdermos a esperança de ver um dia a realização de nosso sonho, isto é, o advento da República".<sup>104</sup> As sociedades secretas, como as "casernas" da Provença cuja influência subterrânea foi mostrada por Maurice Agulhon,<sup>105</sup> seduzem os jovens. A sociabilidade informal, predominante na primeira metade do século, lhes convém mais que as organizações formais e hierarquizadas. Por considerarem os jovens como menores e subordinados, na maioria das vezes, sindicatos e partidos não favoreceram muito sua integração (cf. Yolande Cohen).<sup>106</sup> Daí sua atração, no início do século, pelos libertários que os acolhem melhor. A ousadia dos "bandidos trágicos" (por exemplo, o Bando de Bonnot, cuja resistência desesperada ao assalto da polícia, em 1912, fascina as crianças pobres)<sup>107</sup> e até mesmo a insolência dos *apaches* os seduzem.

Mas, aos vinte anos, o amor compete com a política.

#### DO LADO DAS MOÇAS: A JUVENTUDE DAS OPERÁRIAS

Mas as moças, onde estão? Como a infância, termo neutro, a juventude é pensada no masculino. Filantropos e pesquisadores foram, no entanto, sensíveis à presença das moças nas oficinas e mais ainda nas fábricas, para deplorá-la, sobretudo sob o ângulo da moralidade. A prostituição — a parte extra da jornada das jovens operárias de Reims (cf. Villermé) — ronda sempre as portas das fabri-

cas. Se *operária* é uma "palavra ímpia" (Michelet), ela o é ainda mais para as jovens. Trata-se de protegê-las, de separá-las, inclusive de subtraí-las, muito mais do que lhes dar uma identidade e uma formação. Assim, a legislação (leis de 1874 e de 1892) cria uma categoria: "as moças menores" (dezoito a 21 anos), rejeitada no que se refere às adolescentes: "é proibido a estas...", e nada mais. A dimensão da relação dos sexos é, no entanto, essencial. Como se constrói o "gênero" na juventude operária?

Em primeiro lugar, na família. Há pouca segregação na primeira infância: mesmos jogos, mesmos trabalhos. As meninhas participam juntamente com seus irmãos das operações proto-industriais ou manufatureiras, confundidas no elogio de uma destreza infantil da qual se fará a seguir um apanágio das mulheres. A diferença começa com as aprendizagens formais. Quer sejam escolares ou industriais, estas excluem em grande parte as meninas. A escola é considerada algo secundário para elas. O Estado faz pouco a esse respeito; a lei Guizot (1833) as esquece. A Igreja substitui o Estado. As meninas pobres são confiadas às religiosas ou às damas de caridade. Nessas escolinhas, ensinam-lhes as orações, a moral, a costura, os rudimentos de uma instrução; preparam-nas para a comunhão, em geral aos onze anos. A diferença de alfabetização entre garotas e rapazes é variável conforme as regiões, mas constante.<sup>108</sup> A Escola Ferry, sejam quais forem seus objetivos políticos, realiza quase a igualdade; ela é pouco diferenciada. A segregação se opera pela família, e em primeiro lugar pela mãe.

A mãe, chave da transmissão dos papéis, da memória, dos gestos cotidianos, inicia as filhas em tudo. Isso acontece como norma, sem que sejam devidamente avaliadas as perturbações trazidas pela sociedade industrial às antigas práticas, como a confecção do enxoval, essa "longa história entre mãe e filha".<sup>109</sup> Na indústria doméstica, a mãe ensina às suas filhas os gestos do trabalho: é o que acontece no fabrico de malhas de Troyes ou na passamanaria de Saint-Étienne, onde as filhas sucedem às mães sem terem realmente escolha. Essas aprendizagens não gozam de nenhum reconhecimento: fala-se das "qualidades inatas" dessas meninas que nascem "com uma agulha entre seus dedos de fada".

Mais uma razão para que não lhes proporcionem uma qualificação particular. Isso as dispensa igualmente de entrar em aprendizagem, a menos que se trate de pseudo-aprendizagens, pretexto para uma exploração desavergonhada.<sup>110</sup> A pesquisa da Câmara do Co-

mércio de Paris, que em 1870-2 registra 8902 meninas contra 18127 rapazes, denuncia isso claramente. Os patrões, por meio de contratos de longa duração, se asseguram de mão-de-obra barata; as polidoras de metais ou as cortadoras de diamantes são obrigadas a permanecer dos onze aos dezenove anos com os mesmos mestres, a baixo preço, quando poderiam inteirar-se do ofício em dois ou três anos. Ora as utilizam sistematicamente como domésticas: "Nas oficinas têxteis, as mestras de aprendizagem parecem [...] ignorar a existência do artigo 8º da lei de 1851. Parecem tomar aprendizes sobretudo para empregá-las nas tarefas domésticas ou em trabalhos de qualquer natureza".<sup>111</sup> Noutros casos, a denominação de *aprendizes* dissimula um trabalho produtivo, aprendido em alguns meses, ou mesmo em alguns dias, e a baixo custo: é o que acontece com as torcedoras de fios ou as dobadeiras de seda de Lyon, cuja sorte nada perdeu de sua dureza desde o século XVIII.<sup>112</sup> Em 1877, a jornada começa às sete da manhã e termina pela nove ou dez da noite, com apenas três intervalos de meia hora. "Poucas dessas aprendizes sabem ler e escrever, e trabalham em oficinas malconservadas, onde as normas de higiene não são observadas e o ar não é suficientemente renovado."<sup>113</sup> A alimentação e o lugar de dormir são medíocres. De modo que essas jovens vivem "num estado mórbido" inquietante, expostas à tísica, ou tuberculose. A condição das moças aprendizes é pior que a dos rapazes, e agravada pelo fato de não poderem se revoltar nem fugir. Não há *turn over* feminino. As moças são fixadas em seu lugar pela vontade de todos, a começar pelo pai.

Algumas brechas se abrem, no entanto, no ramo do desenho ou da moda e de seus ofícios. As operárias da costura — floristas, plumistas, modistas, bordadeiras etc. — adquirem no trabalho habilidades requisitadas, base de um melhor salário e de certo prestígio. Jeanne Bouvier relatou seu périplo pelos ateliês de costura parisiense e as rupturas por meio das quais acabou por se impor.<sup>114</sup> Mas o que é normal ou meritório para um rapaz é suspeito para uma moça, que não deve ter ambição e geralmente terá que pagá-la ao preço da solidão ou da má reputação. A impertinente festa das Catarina adquire aqui todo o seu sentido.

É que as moças não são feitas para exercer ofícios, mas apenas para realizar trabalhos provisórios, à espera do casamento e da vida doméstica, ideal do século XIX e do mundo operário. Por isso um mercado de emprego é restrito. Dois grandes setores: o serviço do-

méstico e a indústria de vestuário. O primeiro, cada vez mais feminizado, cresce em razão do desenvolvimento urbano. Para as jovens, sobretudo migrantes, trata-se de uma passagem praticamente obrigatória, que muitas famílias consideram como uma quase aprendizagem. Elas são "colocadas", a partir dos treze-catorze anos, por intermédio de conhecidos, do cura, de famílias notáveis, primeiro nas vizinhanças, depois cada vez mais longe, os salários urbanos sendo mais elevados. Assim, para as moças, conservou-se o *life cycle servant* do Antigo Regime. Na verdade, ele está relacionado antes ao campesinato que ao mundo operário, cada vez mais reticente diante da servidão pessoal que o serviço doméstico implica. Um jovem operário, ao chegar à cidade, pode querer viver com uma jovem empregada séria, cujas economias lhe permitam pagar suas dívidas. Mas não é certo que sua própria filha será doméstica. Na segunda geração, as filhas de operário preferem a fábrica.<sup>115</sup>

O outro setor de emprego é a indústria de vestuário, que ocupa cerca de três quartos dos efetivos femininos, e certamente ainda mais de jovens operárias, que encontramos também ocupadas na triagem do carvão na entrada das minas (os fotógrafos gostam de seus lenços e seus rostinhos enegrecidos), nas fábricas de açúcar, nas papelarias, nas indústrias de produtos químicos, de conservas etc., onde quer que as matérias-primas sejam moles, os instrumentos simples, as operações divididas e repetitivas. Mas a grande maioria das jovens se encontra nas fábricas têxteis, onde formam, dos doze aos 25 anos, o grosso da mão-de-obra, tendo garotos por auxiliares e homens por chefes. Estes lhes dão ordens, as importunam, outorgando-se com frequência um "direito da primeira noite" como preço de contratação. Em Amiens, onde as cerzidoras são objeto "de trocas complacentes" entre empregados de escritório, contramestres e filhos de fabricantes, o prefeito baixa um decreto, em 1821, proibindo "aos donos de fábrica escolherem seus auxiliares entre jovens de outro sexo que não o deles".<sup>116</sup> Dadas as relações de idade e de poder, as jovens operárias eram vítimas preferenciais dos abusos e das exigências lúbricas. No entanto, não podiam praticamente se queixar, espremidas entre as vontades dos chefes e a complacência das famílias, por muito tempo indiferentes à sua sujeição sexual. Daí a existência de boatos, rumores, mais que fatos e inquéritos. A princípio silencioso, o movimento operário passou a denunciar cada vez mais esses abusos e, no final do século XIX, a "lubricidade" dos contramestres é um dos grandes temas dos jornais operários do Norte

têxtil. A questão do "direito da primeira noite" está no centro da grande greve das operárias de porcelana de Limoges, em 1905, feita contra o diretor, amante de "carne fresca". Marie-Victoire Louis realizou, sobre esses aspectos desconhecidos, uma pesquisa de grande amplitude<sup>117</sup> que sublinha o quanto a sujeição das mulheres — e das jovens, que ela raramente distingue por serem pouco identificadas — passava pela dominação de seus corpos.

Quanto aos moralistas, eles não se detêm muito nessa exploração sexual e denunciam bem mais os perigos da promiscuidade e da devassidão intra-operárias. Para alguns, a visão das fábricas como grandes lupanares é uma obsessão. A solução? Uma segregação total, e até mesmo uma clausura completa. Três modelos se oferecem então. Primeiro, a velha tradição das oficinas-ateliês mantidas por damas de caridade ou religiosas. Em Paris, em 1879, 3760 moças de doze a 21 anos debruam assim, durante doze horas por dia, panos de prato e lenços para congregações.<sup>118</sup> No interior, o papel de religiosas ou semi-religiosas como as beatas é ainda mais considerável; em 1853, mil delas preparam para trabalhos de renda moças do alto Loire e a seguir as empregam, para a satisfação geral, ao que parece. Segundo tipo: os orfanatos ou casas de correção de moças para lá enviadas pelos tribunais ou por suas famílias, às vezes chamadas "arrepentidas" (ex-prostitutas, com frequência), administradas pelo Bom Pastor, com uma vontade expiatória que passa por uma severa disciplina e um trabalho constante e sem ganho; trata-se de uma forte concorrência para as operárias "livres", que muitas vezes protestaram contra os conventos-oficinas, especialmente em 1848, quando vários deles foram incendiados no Loire. Terceiro tipo, enfim: o da fábrica-internato implantada por volta de 1830 em Lowell para as filhas de fazendeiros do Massachusetts por industriais de Boston.<sup>119</sup> Essas jovens têm de dezessete a 24 anos; ganham salários elevados, fazem um dote e se casam facilmente. Lowell, por outro lado, é um sistema completo que pretende controlar a totalidade da vida das jovens: trabalho, lazer, prece, distrações as mais diversas etc., com uma preocupação moral evidente. "Elas estão sob a proteção da fé pública." A organização fascinou os observadores; o *saint-simoniano* Michel Chevalier a descreveu longamente em suas *Lettres sur l'Amérique du Nord* [Cartas sobre a América do Norte], embora com reservas quanto ao "pudor anglo-americano", "o aspecto de tristeza e de tédio" que se vê nessa colméia industrial. Ducpétiaux, ao contrário, enaltece o espetáculo idílico de "5 mil dessas

jovens, todas vestidas de branco e portando guarda-sóis de seda verde", acolhendo em procissão o presidente Jackson. Ele se extasia diante da "boa aparência, do ar de saúde e de contentamento das operárias dessas fábricas".<sup>120</sup> O sistema foi importado para o Lyonnais, na França, em 1836, primeiro em Jujurieux (Ain), depois aos poucos em todo o Sudeste do Ródano e das Cevenas. Calcula-se em 100 mil o número de moças incorporadas a esses estabelecimentos em seu apogeu. Os pais, camponeses na maior parte, estabelecem com o patrão um contrato de três anos e meio e devem pagar uma multa de cinquenta centavos por dia (taxa de 1890) em caso de ruptura. As fábricas alojam as operárias em dormitórios abarrotados, dão-lhes comida (freqüentemente elas trazem provisões de casa para economizar) e as vigiam. A supervisão técnica é feita pelas contramestres leigas; a material e moral, por religiosas, que para essa finalidade fundaram ordens especiais. Como existe uma capela no interior da fábrica, as jovens não saem de seus limites. O trabalho efetua-se sob o crucifixo, sendo ritmado por preces ou cânticos (eventualmente as jovens operárias tentam introduzir outras canções). A higiene deixa muito a desejar e os castigos corporais persistem, como num internato religioso e, por isso, as controvérsias cada vez maiores em relação a esses estabelecimentos. Elogiados por pessoas tão diversas como o jornalista Louis Reybaud, os partidários da Escola de Le Play e o liberal Paul Leroy-Beaulieu,<sup>121</sup> são criticados pelos republicanos radicais, que denunciam o domínio da Igreja. Após 1892, os inspetores de trabalho, "fuzileiros" da República, os combatem.<sup>122</sup> Greves freqüentes irrompem dentro deles, cada vez mais apoiadas de fora; elas revelam à opinião pública o arcaísmo de um sistema que não obstante subsistirá, um tanto laicizado, até os anos 1930, enquanto as famílias rurais lhe forem favoráveis. "Feliz um camponês que tem filhas", dizia-se no Bugey; "graças a elas, paga suas dívidas e compra terras." Afinal de contas, o que impressiona é o aspecto disciplinar e moral do trabalho das moças, o papel atribuído ao corpo, o tabu da sexualidade, a força dos controles. O que decididamente as distingue de seus irmãos é a ausência de liberdade.

Tanto ou mais que os rapazes, as jovens estavam excluídas da vida pública. Para elas, nada de sindicato, já de difícil acesso para suas mães. Muito menos de greve. No entanto, elas realizaram algumas, inclusive mais visíveis que as dos rapazes em razão de sua concentração, especialmente na indústria da seda do Sudeste. A greve

das torcedoras de fios de Lyon (1869) põe em cena moças muito jovens, muitas delas italianas, que os patrões despedem sumariamente; elas acampam nas ruas, junto com suas malas. Sua líder, Philomène Rosalie Rozan, que desfila pelas ruas de Lyon brandindo um bastão como uma espada, é por um momento cortejada pela Primeira Internacional; pensou-se em enviá-la como delegada ao congresso da Basileia, o que teria sido uma grande novidade, já que os congressos, lugares por excelência de discursos e representações públicas, eram masculinos. Mas isso não aconteceu.<sup>123</sup> Outra figura de líder é Lucie Baud, que deixou um raro testemunho autobiográfico sobre a condição das operárias da indústria da seda e a greve de Vézille (1905). Expressão de uma mão-de-obra juvenil, a maior parte das líderes de greve eram moças muito jovens; entre 1871 e 1890, 42% delas têm de quinze a 24 anos (segundo as fichas da polícia). A juventude das operárias dá um colorido especial a suas manifestações: elas formam bandos, às vezes farândolas, agitam bandeiras, cantam, geralmente a *Marselhesa*, mas também canções sentimentais nos comícios, e dançam. Assim, finge-se não levar a sério suas "gaiatices", tratando-as, se necessário, com uma indulgência divertida ou um moralismo sentencioso. No caso de raparigas, suspeita-se sempre de seus hábitos, põe-se em questão sua virtude. Juntamos a isso a reprovação das famílias que temem a ruptura dos contratos. Tudo isso torna difícil a sustentação e o êxito dessas greves juvenis que na maioria das vezes terminam sem resultado. É possível, porém — disto há testemunhos mais contemporâneos —, que a greve tenha deixado nessas vidas cinzentas um gosto de audácia, um sabor de prazer, um ar de festa.

Encontramos essa mesma coloração moral em todas as formas de enquadramento para moças: o ensino de atividades domésticas, em que alguns — Émile Cheysson, por exemplo, eminente estatístico, discípulo de Le Play — vêem um meio de melhorar o serviço doméstico, como se este fosse sempre o único futuro profissional das jovens das classes populares. Delineiam-se porém outras formas, do lado do setor terciário que, já antes de 1914, se feminiza. Datilógrafa, funcionária dos Correios, professora, enfermeira, parteira... projetam novas identidades. As famílias populares gostariam de ter acesso a elas: em Saint-Étienne, as escolas profissionais não podem acolher todas as candidatas, geralmente filhas de comerciantes de passamanarias, e as famílias criticam a importância excessiva dada aos trabalhos manuais. Mas, para as filhas de operários, tornar-se pro-

fessora era um sonho, ainda irrealizável, e recalcado, como mostram redações feitas em 1877 para o certificado de estudos em dois *arrondissements* parisienses. "Queria ter sido professora, mas meus pais se opuseram", ou: "mas preciso trabalhar", ou ainda: "meu pai não quer".<sup>124</sup> Com o tempo, essas ambições inusitadas ganharão alguma consistência, mas ainda é muito cedo.

Em suma, as jovens da classe operária acumulam todas as desvantagens, sociais e sexuais. Para elas, é particularmente difícil transformar sua destinação em destino. A migração, com todos os seus riscos, é uma das raras escapatórias possíveis. A classe operária não é um lugar privilegiado de emancipação das jovens. Sua identidade coletiva se baseia numa rigorosa separação dos papéis sexuais, numa simbologia viril, no poder do pai. O entreguerras irá valorizar o jovem herói, figura — por exemplo — do comunista conquistador. As jovens continuarão sendo suas companheiras à sombra.

#### AMAR

"Aos dezenove anos pensávamos menos nas lutas políticas que nos prazeres, e juntos nos entregamos seguidamente a eles", escreve Jean-Baptiste Dumay. "Tive nessa região algumas aventuras amorosas como as tiveram todos os jovens da mesma idade, aventuras que não vêm ao caso neste relato."<sup>125</sup> Não saberemos mais que isso. Da educação sentimental, e principalmente sexual, dos jovens operários e operárias, quase nada sabemos. Imaginada pelos observadores, ela é omitida pelos autobiógrafos que, sobretudo na França, consideram que o privado deve permanecer oculto.

Rapazes e moças, cada vez mais separados, vivem a princípio entre si, dentro das fronteiras de seu sexo. Têm relações de camaradagem e amizade, mais visíveis para os jovens porque elas se manifestam no trabalho e na cidade, no café, no bairro, nos tumultos, nas manifestações de todo tipo; mais ocultas para as moças, muito mais solitárias, ainda que não devam ser subestimadas as convênias e solidariedades femininas que, na maioria das vezes, nos escapam. Da homossexualidade, masculina ou feminina, sabemos menos ainda, a não ser por uma alusão pudica de Agricol Perdiguier, que parece sugerir-la entre os jovens aprendizes marceneiros, ele próprio apresentando-se como um modelo de castidade.

Os encontros entre rapazes e moças não eram muito facilitados por essa segregação, especialmente na cidade, onde já se esboça a "multidão solitária" contemporânea.<sup>126</sup> Ora, o casamento tardio criava um longo tempo de liberdade sexual, tanto mais problemática pelo fato de a contracepção só existir de maneira rudimentar, o "prestar atenção" do coito interrompido que supõe autocontrole e preocupação com o outro. Nem todos tinham os escrúpulos de Agricol Perdiguier. "Não podia me entregar às mulheres perdidas que eu não amava, não queria enganar a jovem Sophie, essa amiga tão doce, tão terna, e lançá-la na miséria, na desonra, por culpa de meu amor. Seduzir uma jovem com belas promessas, com juras de fidelidade sem fim, torná-la mãe, abandoná-la em seguida, lançar a aflição e o desespero em sua família, romper-lhe o coração, matá-la, assassiná-la, não estava em meus princípios, em meu caráter. Eu amava, eu ardia, eu sofria, era violentado, sacudido, puxado em direções opostas por minha paixão e minha consciência." Mas "não queria me ligar, não queria me fixar fora de minha terra natal".<sup>127</sup> Essas angústias de um jovem migrante, quantos as terão sentido...

Os jovens não dispunham de muito dinheiro para freqüentar o bordel, que tinha no entanto uma clientela popular.<sup>128</sup> Martin Nadaud, que se casará em sua aldeia, em 1839, aos 24 anos, e relata longamente seu noivado e seu casamento, dá a entender que em Paris seus companheiros recorriam a ele. O intercâmbio sexual podia ser muito mais breve ou limitado. Os jovens operários certamente não haviam esquecido as práticas dos "amores camponeses",<sup>129</sup> que as granjas e os bosques tornam mais fáceis. O espaço urbano complica os gestos do amor, pelo receio de ser surpreendido e então tachado de libertinagem vergonhosa. Em Sedan, "as relações ilícitas entre jovens dos dois sexos são infelizmente bastante comuns. Para fazer cessá-las, ou ao menos diminuir sua freqüência, bastaria certamente estender à libertinagem os meios empregados contra a embriaguez", escreve Ducpétiaux, que se espanta com a licenciosidade dos jovens trabalhadores ingleses: "Há cabarés com quartos para onde sobem rapazes e moças dois a dois; geralmente o comércio dos sexos começa aos catorze ou quinze anos".<sup>130</sup>

Ser pensionista numa casa particular, prática comum dos *compagnons* do *Tour de France* (a dona da casa oferece-lhes hospedagem) e de seus homólogos em viagem, também possibilitava freqüentemente cortejar a mulher ou a filha — Dumay dá muita importância

à cara de suas hospedeiras — e às vezes partilhar seu leito. Por essa razão, os pensionistas eram o terror dos moralistas.

Morar em quarto alugado, solução mais onerosa, permitia mais liberdade. Eugène Varlin, encadernador, homem muito engenhoso, imaginou uma cooperativa diferente: partilhava um alojamento com seis colegas e uma mulher que cuidava da roupa e do sexo, ora partilhando seu leito com um, ora com outro.<sup>131</sup> Certamente ele estava convencido de estar na vanguarda do amor livre! Jovens operárias adotavam também a solução do quarto alugado. Jeanne Bouvier exprimiu sua alegria por ter finalmente um quarto, no sexto andar de um prédio parisiense.<sup>132</sup> O quarto de Gervaise, em *L'assomoir* [A taberna] (Zola), é o símbolo de uma vida nova.<sup>133</sup> Mobiliá-lo por conta própria é um signo suplementar de liberdade. Mas, para as jovens, viver sozinha é sempre arriscado. Todo intercâmbio sexual, ocasional ou temporário, assemelha-se à prostituição, aos olhos da vizinhança. A polícia persegue as "clandestinas", procurando transformá-las em profissionais "de carteira", mais fáceis de controlar: caso exemplar de gestão dos "ilegalismos populares".<sup>134</sup>

Os jovens, assim que podem, saem de casa, a despeito da resistência da família que perde o salário deles. Todos os testemunhos recolhidos pelo inquérito parlamentar de 1872 o confirmam. Nas fábricas de Lavoulte (Gard), "muitos, ao passarem a receber salários, deixam sua casa e vão morar em pensão como fariam solteiros estrangeiros". Na indústria têxtil da Picardia (região de Amiens), vêem-se freqüentemente rapazes e inclusive moças, de dezesseis a dezessete anos, instalarem-se "em quartos alugados" e não darem mais dinheiro aos pais.<sup>135</sup> Permanecem solteiros. É a norma para ambos os sexos. Em La Croix-Rousse, pesquisada por Yves Lequin, em 1851, antes dos vinte anos, o casamento é excepcional; entre vinte e 24 anos, a quase totalidade dos jovens não se casou, e a grande maioria das moças permanece solteira; e esse é ainda o caso de cerca da metade dos homens entre 25 e 29 anos.<sup>136</sup>

Resta "a incógnita da concubinação". Convém certamente não exagerá-la; não poderíamos confiar inteiramente nos dados reunidos pela Sociedade Saint-François Régis, necessariamente seletivos, uma vez que ela se dedica à regularização das uniões ilegítimas.<sup>137</sup> Todavia, a prática era bastante difundida, ao que parece. Em Saint-Quentin, "muitos, e são talvez os menos libertinos, vivem juntos publicamente, como se fossem casados"; o casamento, aliás, costuma ocorrer depois, não havendo senão 25% de nascimentos ilegíti-

mos.<sup>138</sup> O que é confirmado por numerosos observadores e pelo excelente estudo de Michel Frey;<sup>139</sup> em Paris, os bairros operários são os que têm o maior índice de concubinação, este podendo chegar a 472 em mil habitantes e abrangendo mais da quarta parte dos casais.

Será que se deve ver, nessa generalização atestada da concubinação, uma forma de "civilização popular" (Louis Chevalier) ou de amor romântico e de liberação da juventude (Edward Shorter)?<sup>140</sup> Certamente não. Michel Frey mostra, por um lado, que não se trata de uma prática especificamente operária, e sim mais amplamente pequeno-burguesa ou mesmo burguesa; por outro lado, trata-se com freqüência da menos pior das soluções, uma prática de espera do casamento que, no mundo operário sobretudo, continua sendo a solução normal e desejada. A "concubinação é um tempo de convívio que conduz ao casamento".<sup>141</sup> Especialmente para as mulheres, que no mercado matrimonial se encontram sempre em posição de inferioridade, correndo o risco de ficar sozinhas com um ou vários filhos. A desigualdade das relações entre os sexos, reforçada pelo afrouxamento das normas aldeãs e pelas disposições do Código Civil que proíbe a partir de então a busca de paternidade, normal no Antigo Regime,<sup>142</sup> faz com que a liberdade sexual seja antes de tudo a dos homens.

Muitas foram as jovens seduzidas e abandonadas, as jovens mães que tiveram de assumir sozinhas o fruto de amores ilegítimos. E se as domésticas formam o maior contingente na maternidade de Paris, ali se encontram também numerosas jovens operárias abandonadas por seus companheiros. Eis aqui, por exemplo, a história de Ernestine Pallet, levada aos tribunais por ter estrangulado seu bebê, após ter sido abandonada. Filha natural ela própria, mas amparada por uma tia vigilante, Ernestine fora colocada em aprendizagem dos doze aos dezesseis anos junto a um polidor de metais. Aos dezesseis anos conheceu um operário, Eugène Legault, de 22 anos, rude e beberrão, mas por quem ela se apaixonou. Apesar das objurgações da tia, vai morar com ele em Belleville num quarto mobiliado. Um ano mais tarde, engravida; dá à luz um menino que ela própria amamenta; gostaria de se casar, mas Eugène recusa, rouba as economias dela e parte. Por isso, concedem a esse infanticídio circunstâncias atenuantes, condenando-a a cinco anos de prisão em 1881.<sup>143</sup> A crônica judiciária está repleta de fatos como esse. A moral popular, por sua vez, não condenava, nem a concubinação nem as jovens mães, que freqüentemente eram auxiliadas pelas próprias mães,

ou até pela família do rapaz sedutor, sobretudo quando este não havia feito o serviço militar. Havia certa reprovação, feminina sobretudo, em relação ao pai que não cumpria seus deveres. A mãe de Amédée, jovem operário do início do século, obriga seu filho a casar com a moça que engravidou, a despeito da forte resistência do rapaz.<sup>144</sup> De resto, ao longo do século, o índice de nascimentos ilegítimos não cessa de baixar e o das regularizações de crescer. Contrariamente a isso, alguns pais podiam se opor a tais regularizações, assim como a uniões, por motivos econômicos ou de estima social. As famílias operárias, em sua penúria, têm também estratégias matrimoniais. Muitos casamentos buscavam condições vantajosas e estáveis.

As relações amorosas também podem acabar em violência. As jovens das classes operárias são as principais vítimas dos crimes passionais cometidos pelos parceiros que não suportam sua liberdade de comportamento e sua reivindicação do prazer.<sup>145</sup> As jovens operárias têm acesso aos jogos do amor, a grande aventura dos tempos modernos, arrastando consigo seus companheiros.

Assim, coerção e liberdade atravessam a juventude operária no século XIX. A disciplina do trabalho torna-se mais pesada, acompanhada de normatizações de todo tipo. Mas crises múltiplas, rupturas diversas, migrações etc. favorecem uma conquista de autonomia, masculina sobretudo. Os jovens tendem a libertar-se, a individualizar-se. De resto, no início do século XX, o aparecimento de uma juventude libertária causa inquietação, como também a agitação contra o serviço militar, os bandos de jovens que se tornam mais visíveis, o aumento da delinqüência juvenil, as revoltas das casas de correção. Já se esboçam algumas soluções tímidas que posteriormente se desenvolverão em movimentos e políticas da juventude.<sup>146</sup> A questão da infância, pensa-se, está resolvida; a da juventude começa. O século XX fará dela um problema, um campo de intervenção, uma entidade.

No século XIX não encontramos a juventude operária. Entretanto, nos deparamos com jovens operários.

## NOTAS

(1) Jean-Jacques Rousseau, *Émile* (livro 4, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade), p. 489.

(2) M. Foucault, *La volonté de savoir* (Paris, Gallimard, 1976), p. 40.

(3) C. Duprat, "Le temps des philanthropes. La philanthropie parisienne, des Lumières à la Monarchie de Juillet. Pensée et action", tese de doutorado, sob a orientação de Maurice Agulhon (Paris, 1991), t. 5 "Action sociale. Contrôle social", especialmente cap. 1, "La famille menacée", pp. 1217-315; cap. 2, "Patronage", pp. 1315-429 trata-se de uma autêntica mina de informações.

(4) J. Simon, *L'ouvrier de huit ans* (Paris, Librairie Internationale, 1867).

(5) Edouard Ducpétiaux, *De la condition physique et morale des jeunes ouvriers et des moyens de l'améliorer* (Bruxelas, Méline Cans et Compagnie, 1843), 2 vols., 444 e 423 pp.; v. 1, p. 36.

(6) Citado por C. Duprat, op. cit.; t. 5, p. 1334.

(7) Citado por M. Foucault, *Surveiller et punir. Naissance de la prison* (Paris, Gallimard, 1975), p. 297, segundo *La Gazette des Tribunaux* (agosto de 1840).

(8) M. Perrot, "Dans le Paris de la Belle Époque: les Apaches, premières bandes de jeunes", *Cahiers Jussieu* 5 (primavera de 1979), *Les marginaux et les exclus de l'histoire* (Paris, UGE, 10/18).

(9) J. Guillaud-Maury, "Images de la grisette", in A. Farge & C. Klapisch-Zuber (edit.), *Madame ou mademoiselle? Itinéraires de la solitude féminine, 18<sup>e</sup>-20<sup>e</sup> siècles* (Paris, Montalba, 1984).

(10) J.-J. Yvorel, "Drogues et drogués au XIX<sup>e</sup> siècle", tese (Paris VII, 1991), a ser publicado.

(11) J. Rancière, *Courts voyages au pays du peuple* (Paris, Le Seuil, 1990), p. 116.

(12) M. Bethlenfalvay, *Les visages de l'enfant dans la littérature française du XIX<sup>e</sup> siècle. Esquisse d'une typologie* (Genebra, Droz, 1979).

(13) J.-P. Aton, P. Dumont, E. Le Roy Ladurie, *Anthropologie du conscrit français* (Paris, Colin, 1972).

(14) W. Coleman, *Death is a social disease* (Madison, Wisconsin, 1982); C. Heywood, *Childhood in nineteenth century France. Work, health and education among the "classes populaires"* (Cambridge University Press, 1988), especialmente pp. 84, 151-64.

(15) L.-R. Villermé, *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie* (Paris, J. Renouard, 1840) 2 vols.; reed. intégral, Paris, 1015, 1991)

(16) Ducpétiaux, op. cit.

(17) Sobre esses aspectos, ver M. Perrot, "Vies ouvrières", in *Lieux de mémoire*, Pierre Nora (edit.), t. 3, *Les France*, vol. 3 (Paris, 1993, Gallimard).

(18) N. Truquin, *Mémoires et aventures d'un prolétaire à travers la révolution. L'Algérie, la république argentine et le Paraguay* (Paris, Librairie des Deux-Mondes, F. Bourmand edit., 1888). Ver M. Perrot, "A nineteenth century work experience as related in a worker's autobiography: Norbert Truquin", in *Work in France*, S. L. Kaplan & C. J. Koepf (edit.) (Cornell University Press, Ithaca-Londres, 1986), pp. 297-317.

(19) R. Michaud, *J'avais vingt ans. Un jeune ouvrier au début du siècle* (Paris, Éditions Syndicalistes, 1967), p. 39.

(20) P. Pierrard, *Enfants et femmes ouvriers en France (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle)* (Paris, Éditions Ouvrières, 1987) pp. 183 e ss.; Jean Delumeau, *La Première Communion. Quatre siècles d'histoire* (Paris, Desclée de Brouwer, 1987).

- (21) J. Caroux-Destray, *Un couple ouvrier traditionnel. La vieille garde autogestionnaire* (Paris, Anthropos, 1974), p. 48.
- (22) P. Pierrard, op. cit., p. 184.
- (23) Em 1880, mesma fonte, p. 184.
- (24) L. Vanderwielen, *Lise du Plat Pays* (Lille, Presses Universitaires, 1983), p. 38.
- (25) C. Heywood, op. cit., p. 138.
- (26) Instituído em 1866 por Victor Duruy, ministro da Instrução Pública, o certificado de estudos foi organizado por Octave Gréard no departamento do Sena em 1868, introduzido em 1878 em 83 departamentos e oficializado por Jules Ferry em 28 de março de 1882.
- (27) V. Viet, "Aux origines de l'Inspection du Travail au xx<sup>e</sup> siècle. L'Inspection de 1892 à 1914", doutorado, Institut d'Études Politiques de Paris, 1992, 900 pp.; numerosíssimas informações a esse respeito e, de maneira geral, sobre a condição dos jovens operários.
- (28) A. Goblot, *La barrière et le niveau* (1925, reed., Paris, PUF, 1967).
- (29) V. Viet, op. cit., I, p. 226.
- (30) Ducpétiaux, op. cit.; II, p. 45.
- (31) Ducpétiaux, op. cit.; II, p. 19: trata-se de um inquérito administrativo para preparar o projeto de lei sobre o trabalho das crianças (1841); na questão 4, fala-se explicitamente dos "adolescentes".
- (32) *Les ouvriers des deux-mondes*, t. 4, monografia n.º 36, feita em 1862; lembremos que Frédéric Le Play foi o iniciador dessas pesquisas familiares publicadas em várias séries: *Les ouvriers européens*, *Les ouvriers des deux-mondes*, segundo um questionário unificado que girava sobretudo em torno do orçamento, que supostamente revelaria os hábitos de uma família. Essas monografias são minas de informações, especialmente para o tema que nos interessa, a Escola de Le Play dando uma extrema importância aos modos de relações familiares.
- (33) J.-B. Dumay, *Mémoires d'un militant ouvrier du Creusot (1841-1905)* (Paris, Maspéro, 1976), pp. 84-5; trata-se da primeira edição integral dessas memórias.
- (34) A. Perdiguer, *Mémoires d'un compagnon* (1855, 2<sup>a</sup> ed., Moulins, Cahiers du Centre, 1914 [a que citamos]), p. 95. Assinalamos a 3<sup>a</sup> ed. integral, apresentada por Maurice Agulhon, Paris, Imprimerie Nationale, col. "Acteurs de l'Histoire", 1992.
- (35) Id., p. 263.
- (36) Id., p. 332.
- (37) C. Heywood, op. cit.; pp. 148 e ss.
- (38) M.-V. Gauthier, *Chanson, sociabilité et grivoiserie au XIX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Aubier, 1992).
- (39) A. van Gennep, *Manuel de folklore français contemporain* (Paris, Picard), 9 vols., 1943-58, especialmente I, 1; Michel Bozon, *Les conscrits* (Paris, 1981).
- (40) Y. Cohen, *Les jeunes, le socialisme et la guerre. Histoire des mouvements de jeunesse en France*, prefácio de Madeleine Rebérioux (Paris, L'Harmattan, 1985), p. 33 para essa citação e o conjunto de seu estudo sobre insubmissão, antimilitarismo e juventude.
- (41) Y. Verdier, *Façons de dire, façons de faire. La laveuse, la couturière, la cuisinière* (Paris, Gallimard, 1979).

- (42) A. Monjaret, "La Sainte-Catherine à Paris de la fin du XIX<sup>e</sup> siècle à nos jours. Ethnographie d'une fête urbaine et professionnelle", 2 tomos, 600 pp., tese (Paris X, Nanterre, 1992).
- (43) M. Segalen, *Sociologie de la famille* (Paris, Colin, 1981), p. 109: esses dados constituem uma média para o conjunto da França e não se aplicam particularmente aos operários.
- (44) A. Burguière et alii (edit.), *Histoire de la famille*, v. II, *Le choc des modernités* (Paris, Armand Colin, 1986); P. Ariès & G. Duby (edit.), *Histoire de la vie privée*, t. 4, *Le XIX<sup>e</sup> siècle*, sob a direção de M. Perrot (Paris, Le Seuil, 1987).
- (45) Ver, por exemplo, H. Medick, "The proto-industrial family economy", *Social History* 3 (1976).
- (46) S. Grasseux, *Mémé Santerre. Une vie* (Paris, Marabout, 1975).
- (47) S. Kropotkin, *Champs, usines et ateliers* (Paris, 1910).
- (48) M. Dubesset & M. Zancarini-Fournel, "Parcours de femmes. Réalités et représentations. Saint-Étienne (1880-1950)", tese (Universidade de Lyon II-Lumière, 1988), especialmente a segunda parte, "Le fil du métier. Les rapports entre les sexes dans la rubannerie stéphanoise".
- (49) J. Vallerani, "Savoir-faire et identité sociale", *Ethnologie Française* 12 (abril-junho de 1982): o exemplo das endogâmias técnicas do Sudeste da França.
- (50) W. H. Sewell, *Gens de métier et révolutions. Le langage du travail de l'Ancien Régime à 1848* (Paris, Aubier, 1983), p. 236, trad. do inglês, *Work and revolution in France* (Cambridge University Press, 1980).
- (51) M. Pigenet, *Les ouvriers du Cber (fin XVIII<sup>e</sup>-1914). Travail, espace et conscience sociale* (Institut CGT d'Histoire Sociale, Paris, 1990), p. 80.
- (52) Id., p. 89.
- (53) Id., p. 43.
- (54) M. Chabot, *L'escarbille. Histoire d'Eugène Saulnier, ouvrier verrier*, prefácio de Madeleine Rebérioux (Paris, Presses de la Renaissance, 1978).
- (55) *Archives Nationales (A. N.)*, F12, 4831, Pesquisa do Ministério da Agricultura e do Comércio junto aos Conselhos de Juizes de Trabalho sobre a aprendizagem, novembro de 1877; pesquisa feita a pedido do embaixador alemão na França, final de 1876; essa pesquisa contém um grande número de informações inéditas.
- (56) Y. Lequin, *Les ouvriers de la région lyonnaise (1848-1914)*, Presses Universitaires de Lyon, 1977, 2 vols., I, p. 89; sobre o conjunto desses problemas, cf. cap. 5, "La naissance et le métier", pp. 205-38.
- (57) Além dos trabalhos de Y. Lequin, citados, ver J. Scott, *Les verriers de Carmaux. Histoire de la naissance d'un syndicalisme* (Paris, Flammarion, 1982), trad. ing., *The glassworkers of Carmaux. Craftsmen and political action in a nineteenth century city* (Harvard University Press, 1974).
- (58) C. Heywood, op. cit., p. 137.
- (59) A. N. F12 4831, pesquisa.
- (60) B. Maitéi, *Rebelle, rebelle! Révoltes et mythes du mineur (1830-1916)* (Seysse, Champ Vallon, 1987).
- (61) R. Trespé, *Les mineurs de Carmaux, 1848-1914* (Paris, Éditions Ouvrières, 1971, 2 vols.); Murard et Patrick Zylberman, *Le petit travailleur infatigable ou le prolétaire régénéré* (Recherches, Paris, 1976).

(62) J. Michel, "Le mouvement ouvrier chez les mineurs d'Europe occidentale (Grande-Bretagne, Belgique, France, Allemagne). Étude comparative des années 1880-1914" (tese de doutorado, Universidade de Lyon II, 1987), especialmente a primeira parte, "Un monde se crée".

(63) C. Heywood, op. cit.; e a tese de Y. Tyl, "Le travail des enfants au XIX<sup>e</sup> siècle. Une région: l'Alsace. Un métier: la verrerie" (Universidade Paris VII, 1987), especialmente a quarta parte, "Régression au travail des enfants", pp. 632-795.

(64) J. Allemane, cit. por S. France Reynolds, "Biographie de Jean Allemane" tese, Universidade Paris VII, 1978.

(65) C. Heywood, op. cit., p. 186, nota 5.

(66) *Histoire de la famille*, op. cit.; II, pp. 42 e ss.

(67) Trata-se de personagens de M. Proust in *À la recherche du temps perdu*.

(68) E. Ducpétiaux, op. cit., II, cap. 6, "De l'organisation de l'apprentissage".

(69) J. Simon, *L'ouvrier de huit ans* (Paris, 1867), apresenta o texto da lei de 4 de março de 1851; sobre as fortes críticas de Jules Simon, ver pp. 222 e ss.

(70) A. N. F12 4831, pesquisa citada.

(71) Gilland, "Les aventures surprenants du petit Guillaume du Mont-Cel", em *Les conteurs ouvrier* (Paris, 1849), p. 229.

(72) Id., p. 230.

(73) P. Pierrard, op. cit., p. 72; segundo a *Gazette des Tribunaux* de 29 de junho de 1841.

(74) J. Simon, op. cit., p. 249; cf. também Anthime Corbon, *De l'enseignement professionnel* (1859).

(75) L. R. Berlanstein, "Vagrants, beggars and thieves: delinquent boys in mid-nineteenth-century Paris", *Journal of Social History* 12 (1979), pp. 531-52.

(76) Y. Lequin, *Ouvriers du Lyonnais*, II, p. 69.

(77) M. Cordillot, *Eugène Varlin. Chronique d'un espoir assassiné* (Paris, Éditions Ouvrières, 1992).

(78) R. Michaud, op. cit., p. 94.

(79) A. N. F12 4831, pesquisa citada.

(80) G. Duveau, *La pensée ouvrière sur l'éducation pendant la Seconde République et le Second Empire* (Paris, Domat-Monchrestien, 1948).

(81) *Compte-rendu du Congrès de Marseille* (1979), p. 431.

(82) Cf. M. Crubellier, *L'enfance et la jeunesse dans la société française, 1800-1950* (Paris, Colin, 1979); J.-P. Guinot, *Formation professionnelle et travailleurs qualifiés depuis 1789* (Paris, Domat-Monchrestien, 1946).

(83) A. Cottereau, "Travail, école, famille. Aspects de la vie des enfants ouvriers à Paris au XIX<sup>e</sup> siècle" (Centre d'Étude des Mouvements Sociaux, junho de 1977, datilografado, p. 32), estudo parcialmente publicado em *Autrement* (agosto de 1977), "Méconnue, la vie des enfants d'ouvriers au XIX<sup>e</sup> siècle".

(84) M. Chabot, *L'escarbille*, op. cit., p. 25.

(85) J.-B. Dumay, op. cit., p. 82.

(86) M. Chabot, *L'Escarbille*, op. cit., p. 40.

(87) J. B. Dumay, op. cit., p. 86-7.

(88) M. Perrot, *Les ouvriers en grève*, École des Hautes Études en Sciences Sociales (Mouton, Paris), vol. 1, p. 315.

(89) M. Chabot, *L'escarbille*, op. cit., p. 37, sobre os inspetores.

(90) N. Truquin, op. cit., p. 70.

(91) M. Perrot, op. cit., I, pp. 313-8, "Grèves de jeunes"; II, pp. 458-60.

(92) M. Pigenet, op. cit., p. 112.

(93) Y. Tyl, op. cit., p. 602.

(94) J. Michel, op. cit., II, pp. 428-30 e 634-5, greves de carregadores de vagones.

(95) M. Perrot, op. cit., p. 316.

(96) J. B. Dumay, op. cit., p. 84.

(97) Sobre esses periplos profissionais, muito difundidos entre vidreiros e metalúrgicos particularmente, ver os desenhos feitos por Yves Lequin, op. cit., pp. 531-41.

(98) J. B. Dumay, op. cit., pp. 95-110.

(99) M. Chabot, *L'escarbille*, op. cit., pp. 68-9.

(100) Id.; p. 114.

(101) A. Rauch, *Boxe, violence du XX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Aubier, 1992).

(102) M. Nadaud, *Mémoires de Léonard, ancien garçon maçon* (Bourganeuf, 1895), pp. 149 e 134; é a edição que citamos; pode ser também consultada a ed. org. por M. Agulhon (Paris, Hachette, 1976). Sobre a violência operária no século XIX, cf. L. Chevalier, *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Plon, 1958); F. Chavaud, *De Pierre Rivière à Landru. La violence apprivoisée au XIX<sup>e</sup> siècle* (Bruxelas, Brepol, 1991); P. Willis, "L'école des ouvriers", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 24 (novembro de 1978).

(103) P. Caspard, "Aspects de la lutte des classes en 1848", *Revue Historique* (julho-setembro de 1974).

(104) M. Nadaud, op. cit.; p. 198.

(105) M. Agulhon, "Les Chambrées en basse Provence: histoire et ethnologie", *Revue Historique* 498 (abril-junho de 1971), pp. 337-68, retomado em *Histoire vagabonde* (Paris, Gallimard, 1988), pp. 17-59.

(106) Y. Cohen, *Les jeunes, le socialisme et la guerre*, op. cit.: fonte de informações muito ricas para todos esses aspectos apenas aflorados aqui.

(107) M. Chabot, *L'escarbille*, op. cit., p. 108: "Nos pátios dos bairros pobres, as crianças substituíam a brincadeira de polícia e ladrão pela do 'bando de Bonnot', no qual, como por acaso, a polícia perdia sempre".

(108) A. Cottereau, "Destins masculins et destins féminins dans les cultures ouvrières en France au XIX<sup>e</sup> siècle", *Mouvement Social* (julho-setembro de 1983); C. Heywood, "On learning gender roles during childhood in nineteenth century France", *French History* (v. 5, n.º 4), pp. 451-66.

(109) A. Fine, "A propos du trousseau: une culture féminine?", em *Une histoire des femmes est-elle possible?* (sob a dir. de M. Perrot, Marselha, Rivages, 1984), pp. 55-89.

(110) M. Dubesset, op. cit.; H. Harden-Chenu, "Formation d'une culture ouvrière féminine. Les Bonnetières troyennes, 1880-1939" (tese de doutorado de terceiro ciclo, Paris VII, 1988), especialmente a segunda parte, "Une culture féminine du travail".

(111) A. N. F12 4831, pesquisa do Ministério da Agricultura e do Comércio, 1877.

- (112) M. Garden, *Lyon et les Lyonnais au XVIII<sup>e</sup> siècle* (Lille, 1970).
- (113) A. N. F12 4831, pesquisa... 1877.
- (114) J. Bouvier, *Mes mémoires ou cinquante-neuf années d'activité industrielle, sociale et intellectuelle d'une ouvrière (1876-1935)*, 1<sup>a</sup> ed., 1936, 2<sup>a</sup> ed. aumentada, apresentada e comentada por D. Armogathe & M. Albistur (Paris, La Découverte, 1983); K. Paull, "Les midinettes à Paris (1885-1914)" (mestrado, Paris VII, 1975).
- (115) A.-M. Fugier, *La place des bonnes. La domesticité féminine à Paris en 1900* (Paris, Grasset, 1979).
- (116) Ducpétiaux, op. cit., p. 326.
- (117) M.-V. Louis, *Le droit de cuissage. Chair à travail, chair à plaisir, France, 1860-1930* (L'Atelier, Paris, 1994).
- (118) C. Heywood, op. cit., pp. 102-3.
- (119) T. Hareven, Randolph Langenbach, *Amoskeag. Life and work in an American factory city in New England* (Methuen, 1978).
- (120) Ducpétiaux, op. cit., II, p. 286.
- (121) L. Reybaud, *Étude sur le régime des manufactures. Condition des ouvriers en soie* (Paris, Michel Lévy, 1859); *Les ouvriers des deux-mondes*, tomo 5, monografia nº 26, monografia dos tecelões de Sainte-Marie-aux-Mines, Vosges, pp. 392 e ss.; P. Leroy & Beaulieu, *Le travail des femmes au XIX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Charpentier, 1888), pp. 414 e ss. Entre os estudos recentes, além de Y. Lequin, op. cit., ver Dominique Vanoli, "Les ouvrières en soie du sud-est de la France, 1890-1914" (mestrado, Paris VII, 1975); Claire Auzias e Annick Houel, *La grève des ovalistes, juin-juillet 1869* (Paris, Payot, 1982).
- (122) V. Viet, op. cit., passim.
- (123) C. Auzias, A. Houel, op. cit.
- (124) A. Cottereau, "Travail, écoles, famille. Aspects de la vie des enfants d'ouvriers à Paris au XIX<sup>e</sup> siècle", op. cit., pp. 41-2.
- (125) J. B. Dumay, op. cit., pp. 91-2.
- (126) D. Riesman, *La foule solitaire* (Arthaud, Paris, 1964).
- (127) A. Perdiguier, op. cit. (ed. de 1914), p. 216.
- (128) A. Corbin, *Filles de nocce. Misère sexuelle et prostitution au XIX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Aubier, 1978).
- (129) J.-L. Flandrin, *Les amours paysannes. Amour et sexualité dans les campagnes de l'ancienne France (XVI-XIX<sup>e</sup> siècle)* (Paris, Gallimard, 1975).
- (130) Ducpétiaux, op. cit., I, p. 337.
- (131) M. Cordillot, op. cit., p. 120.
- (132) J. Bouvier, op. cit., pp. 83-5.
- (133) Bibliothèque de la Pléiade, Gallimard, pp. 137-8.
- (134) M. Frey publicou sobre esse ponto dois artigos complementares: "Du mariage et du concubinage dans les classes populaires à Paris en 1846-1847", *Annales ESC* 4 (julho-agosto de 1978); "Les comportements concubins au sein des classes populaires à Paris en 1846-1847: le rôle des prostituées et des femmes logeant en garnis", em *Aimer en France, 1760-1860*, Universidade de Clermont-Ferrand, Atas do Colóquio Internacional, recolhidas e apresentadas por P. Viallaneix & J. Ehrard, 1980, 2 vols., aqui t. 2, pp. 565-87.
- (135) M. Perrot, op. cit., I, p. 314, cf. A. N. C 3018-21, pesquisa de 1872.

- (136) Y. Lequin, op. cit., I, p. 209; C. Duprat, op. cit., p. 1229; embora criticando M. Frey, ela sublinha igualmente que os casais concubinos representam um caso em cinco, e que os mais altos índices de concubinato coincidem com os bairros jovens, com uma grande porcentagem da população de vinte a 29 anos.
- (137) Ibidem.
- (138) Ducpétiaux, op. cit., p. 234.
- (139) Cf. nota 134, especialmente *Annales* para o estudo estatístico.
- (140) L. Chevalier, op. cit.; Edward Shorter, "Illegitimacy, sexual revolution and social change in modern Europe", *Journal of Interdisciplinary History* (II, outono de 1971).
- (141) M. Frey, op. cit., II, p. 568.
- (142) As feministas reivindicam durante o século XIX o direito de busca de paternidade, que elas só obtêm no início do século XX e com algumas condições restritivas.
- (143) R. G. Fuchs, *Poor and pregnant in Paris. Strategies for survival in the nineteenth-century* (Rutgers University Press, New Brunswick, Nova Jersey, 1992), p. 11; numerosas informações sobre a condição das mulheres pobres parisienses no século XIX.
- (144) J. Caroux-Destray, op. cit.; p. 70.
- (145) J. Guillaud-Maury, *La chair de l'autre. Le crime passionnel à Paris au XIX<sup>e</sup> siècle* (Paris, Orban, 1986).
- (146) Sobre todos esses pontos, que não abordamos aqui, ver Y. Cohen, op. cit. O enquadramento dos jovens nas sociedades de patronato é um capítulo considerável; em relação à primeira metade do século XIX, ele foi estudado por C. Duprat, mas relacionado sobretudo às crianças. Sobre as casas de correção, ver H. Gaillat, *Les maisons de correction, 1830-1945* (Paris, Cujas, 2<sup>a</sup> ed., 1991), que trata também das colônias agrícolas para jovens delinquentes, que podiam ser colocados ali até os 21 anos.

## BIBLIOGRAFIA

- Crubellier, M. *L'enfance et la jeunesse dans la société française, 1800-1950*. Paris, Armand Colin, 1979.
- Cohen, Y. *Les jeunes, le socialisme et la guerre. Histoire des mouvements de jeunesse en France*, com prefácio de Madeleine Rebérioux. Paris, L'Harmattan, 1989.
- Ducpétiaux, E. *De la condition physique et morale des jeunes ouvriers et des moyens de l'améliorer*. Bruxelas, Méline Cans et Compagnie, 1843, 2 vols.
- Gillis, J. R. *Youth and history: tradition and change in European age relations, 1770-present*. Nova York, Academic Press, 1974.
- Heywood, C. *Childhood in nineteenth-century France. Work, health and education among the "classes populaires"*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- Pierrard, P. *Enfants et jeunes ouvriers en France (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle)*. Paris, Éditions Ouvrières, 1987.

Tilly, L. A. & Scott, Joan W. *Women, work and family*. Holt, Rinehart and Winston, 1978, trad. franc. *Les femmes, le travail et la famille*, Paris-Marselha, Rivages, 1987.

#### PRINCIPAIS AUTOBIOGRAFIAS UTILIZADAS

Bouvier, J. *Mes mémoires ou cinquante-neuf années d'activité industrielle, sociale et intellectuelle d'une ouvrière (1876-1935)*. 1ª ed., Paris, 1936; 2ª ed. aumentada, apresentada e comentada por Daniel Armoghat e Maïté Albistur, Paris, La Découverte, 1983.

Chabot, M. *L'escarbille. Histoire d'Eugène Sautnier, ouvrier verrier*, prefácio de Madeleine Rebérioux. Presses Universitaires de la Renaissance, 1978.

Dumay, J.-B. *Mémoires d'un militant du Creusot (1841-1905)*. Paris, Maspéro, 1976, prefácio de Ernest Labrousse, ed. org. e comentada por P. Ponsot.

Michaud, R. *J'avais vingt ans. Un jeune ouvrier au début du siècle*. Paris, Editions Syndicalistes, 1967.

Nadaud, M. *Mémoires de Léonard, ancien garçon maçon*. Bourgneuf-Duboueix, 1895; nova ed. apresentada por M. Agulhon, Paris, Hachette, 1976.

Perdiguet, A. *Mémoires d'un compagnon*. (1855), 2ª ed., Moulins, Cahiers du Centre, 1914; 3ª ed. Integral apresentada por Maurice Agulhon, Paris, Imprimerie Nationale, coleção "Acteurs de l'Histoire", dirigida por G. Duby, 1992.

Truquin, N. *Mémoires et aventure d'un prolétaire à travers la révolution. A l'Algérie, la république argentine et le Paraguay*. Paris, Librairie des Deux-Mondes, F. Bourriand edit., 1888; ed. resumida, Paris, Tautin, 1974.

*Tradução do francês por Paulo Neves*

## OS JOVENS NA ESCOLA: ALUNOS DE COLÉGIOS E LICEUS NA FRANÇA E NA EUROPA (FIM DO SÉC. XVIII — FIM DO SÉC. XIX)

Jean-Claude Caron

### INTRODUÇÃO

A escola, sob todas as suas formas, faz parte há muito tempo da paisagem social e cultural das sociedades européias. Qual outra instituição se associa mais fortemente à idéia de juventude? Essa associação depende de uma longa evolução que, na Europa, em datas diferentes mas em uma cronologia afinal bastante semelhante, devia fazer da escola um assunto de Estado, para retomar o título de uma obra recente.<sup>1</sup> Um Estado vitorioso, erigindo-se em rival da Igreja pelo controle progressivo dos níveis de ensino. Não se trata aqui de fazer o inventário dessa instituição escolar nem o de seus administradores ou mestres, mas de traçar um retrato daqueles a quem se destinava: os jovens. O peso estatístico destes, embora declinante, permanece muito significativo: a faixa até dezoito anos representa cerca de 42,5% da população francesa em 1780, e ainda 35,5% em 1881.

No quadro desta contribuição, não seria possível tratar a integralidade da questão. Assim, escolhemos ater-nos a uma faixa de idade que corresponde aos anos de ensino secundário: idade que se estende do fim de uma escola primária já bem-sucedida antes mesmo de ser obrigatória à entrada no ensino superior ou na vida profissional. Idade flutuante e difícil de determinar: Furetière, em seu célebre dicionário publicado em 1690, designa sob o termo *adolescente* "o rapaz dos catorze aos vinte ou 25 anos".<sup>2</sup> Um pouco menos de dois séculos mais tarde, o *Grande dictionnaire universel do século XIX* de Pierre Larousse conserva os mesmos limites de idade